

168

U. F. R. J.

Forum de Ciência e Cultura

Curso de Estudo de Problemas Brasileiros - 1973

"A MISCIGENAÇÃO BRASILEIRA, FATOR
DE INTEGRAÇÃO NACIONAL".

Emilia Thereza Alvares Ribéiro

(Matrícula 59)

I Apresentação

- 1) Prefácio
- 2) Metodologia

II Desenvolvimento

- 1) Introdução
- 2) Formação do Brasil
 - A) Características da colonização portuguesa no Brasil
 - B) Causas históricas da diferença das colonizações portuguesa e norte americana
 - C) Colonização holandesa
- 3) Elementos formadores da etnia brasileira
 - A) O índio
 - B) O negro
 - C) Imigrações europeias e asiáticas
 - D) Reflexos dos diferentes grupos sobre a formação étnica do brasileiro (pesquisas e análises)
 - a) Italianos
 - b) Portugueses
 - c) Espanhóis
 - d) Alemães
 - e a h) Outros europeus
 - i) Judeus
 - j) Japoneses
 - l) "Turcos" ou Árabes

4) Análise da evolução do homem brasileiro.

a) Resultados e conclusões de pesquisas e estatísticas.

b) A inexistência do preconceito racial no Brasil.

5) Conclusões.

III Conclusão geral.

1) Resumo das conclusões e conseqüências da miscigenação brasileira.

2) Propostas e sugestões.

1) Prefácio:

O especialista de Ciências Humanas e Sociais, volta-se hoje, mais acentuadamente, para os aspectos de assimilação e aculturação de povos e nações, do que para o problema da miscigenação.

O que, na realidade, irmana o povo é a unidade de idéias, tradições, cultura e ideais. É a identidade que Renan denomina "a alma da Nação", o sentimento de pátria.

No entanto sentimos, através da História e comprovamos em toda a análise deste trabalho que, a miscigenação, aproxima grupos etnicamente diferentes, incrementa e dá profundidade à assimilação e aculturação e evita choques e ódios grupais.

A colonização brasileira foi preparada e cimentada pelo grande "melting-pot", gerando características especificamente nossas, num grande exemplo para o mundo inteiro.

Se voltamos ao assunto mestiçagem, não foi para debater superadas teses racistas de Chamberlain, Gobineau, Gustave le Bon que influenciaram a muitos autores nacionais, até o presente, mas para provar que nós brasileiros, não temos preconceitos, contrariamente ao que têm apregoado alguns.

É de capital importância que o brasileiro compreenda que nunca houve preconceitos "raciais", em nossa terra, que nem sequer poderíamos tê-los, porque somos profundamente miscigenados e donos de uma cultura sincrética e, por isto, devemos proclamar todos, revestidos da mais alta chama de brasilidade que esta característica há de se manter e ampliar, cada vez mais, a integração nacional.

2) Metodologia

a) Método histórico

b) Método de pesquisa e análise de grupos étnicos, por amostragem

c) Método de pesquisa e análise da miscigenação, por amostragem

d) Método genealógico

e) Método antropológico

f) Método estatístico.

II - DESENVOLVIMENTO

II - 1) Introdução

O contato entre dois povos é sempre positivo sob o ângulo histórico. Quando usamos o termo histórico, o estamos fazendo à luz dos mais modernos conceitos científicos. É a História, ciência global, baseada em conceitos antropológicos, sócio-econômicos, políticos e culturais (incluindo religião, literatura, etc).

Ao iniciar-se a interrelação de dois grupos há duas reações normais: o conflito e a acomodação.

Se o contato é espontâneo, a acomodação é um fato quase rotineiro, resultado do processo evolutivo.

Se o interrelacionamento é provocado por guerras de conquista ou colonização, há diferentes aspectos a considerar, entre os quais a atitude do conquistador, sua facilidade de adaptação, assimilação, aculturação e miscigenação.

Evidentemente a adaptação é um processo mais relativo ao meio físico.

A assimilação é o processo de troca de dados sociais e é muito mais eficaz na consolidação, do que a simples substituição de "mores" e "instituições" do conquistado, por outros, mais adiantados, do conquistador.

É quase impossível o transplante de instituições e "mores", em que não restem traços do colonizado ou conquistado, mesmo que o dominador esteja num estágio cultural bem mais avan-

gado. O fato pode ser comprovado através de todas as dominações históricas.

No Brasil, o índio e o negro, deixaram acentuados traços, em todos os processos: assimilação, aculturação e miscigenação.

A aculturação processa-se no âmbito cultural; dando-se o sentido antropológico à palavra cultura, atua no campo da cultura não material e material.

A transmissão de cultura não se dá sempre pela presença do grupo "in loco", pode dar-se à distância, através da difusão cultural que, se hoje é uma realidade gritante, em função dos meios de comunicação de massa, nunca deixou de existir.

Esta observação interessa ao nosso estudo, muito especialmente em relação às culturas francesa, americana e árabe e, mais recentemente, aos aspectos do espiritualismo oriental que têm chegado ao Brasil, mais acentuadamente, através da difusão do que da imigração.

Os contatos biológicos, geram a miscigenação, objetivo básico deste estudo, embora tenhamos por várias vezes, de nos reportar aos processos sócio-culturais, como complementação.

Todos estes processos são independentes, mas refletem, uns sobre os outros, como analisaremos relativamente ao Brasil.

Antes de nossa análise primacial, apresentaremos alguns exemplos internacionais que comprovam a importância da miscigenação, agindo paralelamente à aculturação e à assimilação, para sedimentar a unidade nacional.

Roma realizou inúmeras conquistas, construiu vasto império, procurou levar suas instituições, mas com o sentido de transplante e superioridade cultural. Não houve preocupação aculturativa, nem assimilativa. Conservam-se profundas diferenças jurídicas, entre o cidadão romano e o dominado, não havendo política de casamentos que o próprio direito romano cerceava.

Não se pode dizer que os processos sociais, culturais e biológicos foram nulos, mas foram de pequena monta. A cultura e as instituições, que constituíam um simples verniz romano, foram facilmente suplantadas.

O que restou do mundo romano é devido à Igreja que divulgou os ideais de unidade, através da educação e facilitou os processos de aculturação, assimilação e miscigenação.

O Império Bizantino, sucessor do Romano, no Oriente, agiu de maneira ainda mais etnocêntrica. Intolerância política e religiosa, transferência de instituições, sem processos assimilativos e nenhuma preocupação de misturar-se étnicamente às populações dominadas, constituem as características básicas do Império Bizantino.

O resultado histórico reflete-se no mundo atual. Os árabes, na Idade Média, ao iniciarem sua expansão, tomaram com grande facilidade os territórios pertencentes outrora a Roma e a Bizâncio.

Sua conquista foi marcada pela miscigenação, de dominador e dominado, em todas as partes, o que tornava a dominação árabe simpática e, na geração seguinte, o jovem guerreiro, nascido após a conquista, já era híbrido, já não era um árabe estra -

nho, mas um nativo daquele local, arabizado, mas dono das tradições locais, que se aculturam com as árabes.

Este fato gerou a ampliação da aculturação e assimilação árabes e tornou-as tão profundas que, até hoje, as regiões que pertenceram ao Império Árabe, na Idade Média (mesmo as que jamais se haviam deixado dominar por outros povos, como os bérberes) têm a cultura e estrutura social do mundo árabe. Daí falarmos em estados árabes, como uma unidade, de fundo linguístico e cultural, em geral, em nossos dias, embora jurídica e politicamente haja muitos estados árabes e no setor de características físicas, veremos adiante a influência.

Para confirmar, com mais vigor esta tese, podemos lembrar que, Alexandre da Macedônia, antes dos árabes, iniciara a mesma política de casamentos e aculturação no Oriente. As regiões onde Alexandre chegou a penetrar e deixar o fundo helênico e os sinais da miscigenação, tornaram-se mais difíceis à conquista árabe e sua acomodação final. O exemplo mais característico é o de Alexandria, onde estava sedimentado o trabalho de Alexandre.

Se ao dar parte de sua cultura, o dominado, não se sente violado em suas tradições mais caras, pelo dominador, a miscigenação, vem colocar dominado e dominador no mesmo plano e dá origem a um povo, no qual o dominado é uma das partes.

Quebra-se, deste forma, o sentido de castas, entre dominado e dominador (quando caem as barreiras da estrutura escravocrata das sociedades ou os filhos de escrava e senhor têm igualdade de oportunidades sociais).

De qualquer forma, o fato biológico, o nascimento de um híbrido, liga os dois grupos e torna o dominado mais permeável às transformações.

Os filhos de duas procedências, constituem uma grande força aculturativa e favorável à integração. Mais importante se torna esta miscigenação, onde são acentuadas as diferenças étnicas, principalmente marcadas pela cor da pele, por ser o elemento notado, até pelo homem comum que desconhece os critérios antropológicos.

II 2) FORMAÇÃO ÉTNICA DO BRASIL

II 2-a) O elemento português, que veio colonizar o Brasil, logo se viu diante do problema de cultivar as terras e manter relações com as populações locais.

O número de portugueses entrados no Brasil colonial não consta de nenhuma estatística. Não existe no Arquivo Nacional, ou em qualquer outro arquivo brasileiro, por isto, quase todos os autores declaram não ser conveniente nem dar estimativas, por não haver base para tal. Só há informações sobre os portugueses nos arquivos das igrejas, relativas a casamentos e batizados e no serviço militar, o que nos fornece uma visão unilateral.

A Enciclopédia "Modern Migrations", "Encyclopedia of Social Sciences", que dá estimativas relativas a espanhóis e ingleses, não o faz relativamente a Portugal, por falta de arquivos.

A única informação que encontramos, é do ano de 1583, apresentada pelo Barão de Rio Branco, no trabalho "Esquisse de l'Histoire du Brésil", baseado em dados do venerável padre Anchieta. Consta da informação que: o Brasil tinha 57.000 habitantes, dos quais 25.000 brancos, 18.500 índios e 14.000 escravos negros.

Os portugueses aqui chegando, elementos em grande quantidade sem esposas, sendo muitos naufragos, degredados ou fugitivos da inquisição européia, traziam em seu bojo, não só os portugueses, integrados à nação portuguesa, mas também muitos judeus, ciganos e cristãos novos que se tornaram troncos de algumas das mais ilustres famílias brasileiras.

Grupos organizados, enviados especialmente pelo governo português, para a colonização, aqui acabaram por instalar-se ou pelo menos, em sua permanência, deixaram descendentes. Estes fatos, conhecidos pelo historiador, prescindem de rigorosos dados, portanto é preferível citá-los sem cifras:

II 2-b) Nesta primeira fase, a miscigenação com o elemento indígena é forte, dando-nos o mameluco, grande responsável pela penetração no interior do país.

Esta penetração, feita através do mameluco, levou o prof. Alfredo Ellis Junior, a acreditar na superioridade do elemento híbrido, proveniente da amalgamação do índio e do branco, numa época em que se acreditava muito em superioridades raciais (segunda década do século XX).

Na realidade, esta qualidade de resistência do mameluco, esta sua facilidade de penetração, vinham diretamente de seu crescimento, em contato com a natureza, sua interpenetração natural no habitat, sua facilidade de contato com o índio.

Nesta simples observação da miscigenação, com o índio, podemos sentir a facilidade de penetrar no interior, muito maior do que se houvesse isolamento étnico do portugueses. Nos EE.UU esta penetração, pela ausência de miscigenação, deu-se com episódios de far west, carregados de violência que, até hoje, constituem temática para o cinema.

A denominação de mameluco (do árabe "mamluck", possuído, escravo) demonstra que, este híbrido, não era olhado com igualdade, nos primeiros tempos, mudando sua condição, principal-

mente graças à atuação dos jesuitas.

A própria política portuguesa interessava-se pela miscigenação do elemento português com o indígena, cujas qualidades eram cantadas pela literatura européia, com reflexos tão acentuados que a própria tese de Rousseau, sobre a liberdade do homem, encontra raízes no nosso indígena. Portanto, nos primórdios da colonização, o elemento indígena, considerado de alto padrão "racial", tem imensa importância na formação étnica brasileira.

Sob o aspecto da colonização, o índio não conseguia cobrir as necessidades, principalmente por sua inadaptação às tarefas agrícolas, às quais estava menos afeito, estando em maioria no estágio da caça e pesca. O índio, também, não se adaptava às casas fechadas e, muito menos, à escravidão.

As relações não foram sempre pacíficas. Muitas vezes, os colonizadores dirigiram-se às tribos do interior, atacando-as e trazendo os índios como escravos. Dava-se, neste caso, a miscigenação do senhor e escrava, muitas vezes.

II 2-c) A chegada dos jesuitas vem disciplinar mais os costumes, procurando obrigar ao casamento com as índias e dar maior proteção às tribos que catequisavam. Os jesuítas têm a admirável visão de uma sociedade cristamente organizada, por duas diferentes etnias e estimulam os casamentos cristãos de índios e colonizadores.

O elemento indígena vai, desta forma, tornando-se menos acessível à miscigenação, porque já é mais difícil escravizar os índios que defendem a honra de suas índias, desde o iní -

cio, mas também por encontrarem, agora, proteção dos jesuítas. A lém do conflito tribal, há o conflito com os jesuítas, se houver violências, em relação a indígenas. Resta ao homem branco casar-se com as índias ou desistir, na maioria das vezes, de alcançá-las. Formam-se também, deste modo, muitas famílias brasileiras, legalmente constituídas, não cessando totalmente a miscigenação indígena, apenas dando-lhe um cunho oficial.

II 2-d) Considerando principalmente o fator de terra e cultivar, a partir de 1538 (data inicial atribuída por Calógeras) começaram a entrar negros no Brasil.

Mais habituados à agricultura, como aos processos de escravização que já existiam na África, através de guerras, em que os vencidos eram escravizados pelos vencedores, os negros melhor se adaptaram ao trabalho na lavoura e à escravidão brasileira. A sua fase de evolução já lhes dava, paralelamente, possibilidades materiais de trabalhar na lavoura.

O número de elementos negros importados da África é impreciso. Sabe-se que sua maior importação foi a partir do sé-culo XVIII, em função das minas que foram descobertas.

Diversos autores, baseados em diferentes fatos, dão -nos avaliações. Caio Prado Junior calcula que, até meados do século XIX, isto é, até a suspensão do tráfico de negros, teriam entrado cerca de 5.000.000 a 6.000.000 de negros no Brasil. Toda e qualquer tentativa de estatística precisa, torna-se perigo-samente anticientífica, considerando-se a existência de um mercado clandestino de negros e que os arquivos de entrada oficial de

negros, no Brasil, desapareceram. Com base no primeiro levantamento que se fez no século XIX, em torno da sobrevivência do negro, avaliou-se a média de entrada de 55.000 por ano, estabelecendo-se taxas mais baixas para os primeiros séculos e aumento no século XVIII.

Achamos que esta avaliação, aceita por Calógeras, é muito exagerada e, estendendo-se até a suspensão do tráfico, teria transformado a população brasileira, de forma radical, em muito mais escura do que é, na realidade.

Embora outros autores deem taxas menores do que as de Caio Prado Junior, tomamos para o nosso estudo as taxas dadas por ele, por serem mais razoáveis, em função da evolução socioeconômica e antropológica do Brasil.

Podemos observar que a entrada de negros homens, que tinham uma condição de objeto e eram denominados "peças", no mercado de escravos, era muito maior que a de mulheres e que sendo a sociedade brasileira uma sociedade patriarcal, onde a esposa guardava as virtudes domésticas, a miscigenação só se dava de escravas com os senhores e não de escravos com as senhoras. Os escravos continuavam a amalgamar-se com mulheres negras, portanto fazendo crescer o número de crianças não híbridas, paralelamente às híbridas.

É preciso, portanto, que se estude com zelo e questão de formação da população negra e híbrida do Brasil, evitando erros de interpretação que levassem a pensar que o negro desapareceria, envolvido pela miscigenação dos primeiros tempos.

II 2-B) CAUSAS HISTÓRICAS DAS DIFERENÇAS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E NORTE AMERICANA:

a) Aspectos históricos da Península Ibérica.

Quando o português vem colonizar o Brasil já constitue, não uma raça, nem propriamente uma etnia, mas um fenótipo.

São suas características fundamentais, atualmente: dolicocefalia, fronte larga, nariz estreito e alongado. Pelo colorido da pele, divide-se em moreno claro (45%), moreno escuro (45%) e branco rosado (10%).

Só 2% de portugueses têm cabelos claros. Os olhos azuis permanecem em 7%, apenas, e castanhos claros em 15%.

Os demais têm olhos e cabelos escuros.

Os cabelos são cimótricos. Podemos crer que o fenótipo português, daquela época, fosse aproximadamente o mesmo, para a maioria, mas que no século XVI, logo após a Reconquista da Península Ibérica e, bem mais próximo das invasões germânicas, o caldeamento não estivesse tão completo, como nas porcentagens que acabamos de dar. Cremos que ainda havia mais portugueses de tipo louro, claro, de olhos azuis e também portugueses mais escuros do que o fenótipo atual, pois seu processo de amalgamação não estava pronto.

A verdade é que os portugueses são profundamente miscigenados.

Formados, inicialmente, por povos do Norte da África,

misturavam-se a uma leva Mediterrânea, de maior estatura. Povos do Mediterrâneo asiático e dináricos mesclaram-se depois, resultando deste combinação de múltiplas origens, o Íbero.

Após a formação da população Íbera, sabemos que fenícios, cartagineses, celtas e romanos, entravam na península e deixavam traços. Sob o ponto de vista étnico os celtas e íberos, marcaram profundamente a formação portuguesa, enquanto superficialmente influíram os romanos, até a cristianização dos reinos bárbaros. No fim da antiguidade, vários povos bárbaros, dos quais distinguimos os visígodos, instalaram-se na península Ibérica. O impacto destes bárbaros foi fundamental, instalando-se com reinos organizados, cristianizados, miscigenaram-se e transmitiram, não só seus hábitos sócio-culturais, como especialmente os que lhes eram fornecidos pela Igreja Católica Romana. Deduzimos que a influência romana é mais cultural e indireta vinda através do catolicismo do que no âmbito biológico.

Pouco depois chegaram os árabes, em rápida conquista, que foi de efeitos duradouros e importantíssimos para a formação desta área, sob o ponto de vista étnico e cultural.

Com os árabes, evidentemente, deveria haver um novo es-
curecimento da população, considerando que, esta conquista, trazia elementos bérberes, do Norte da África, de características negróides.

À medida que se dava a Reconquista, com a formação dos reinos cristãos e árabes os dois grupos uniam-se, matrimonialmente, em alianças dos reinos, em meio à luta.

Por outro lado, quase oito séculos de dominação árabe

na península, sendo a cultura árabe mais brilhante, àquela época e mais requintada, a mulher árabe, de pele escura, passou a ser idealizada pelo homem cristão, como tipo de beleza. Até nas canções de Gesta, em que se procura criar espírito de unidade cristã, contra o árabe, há heróis cristãos que casam com mulheres muçulmanas. Era natural que a mulher árabe, do período da dominação e reconquista apresentasse aperfeiçoamento de sua beleza, graças à evolução da medicina árabe, da higiene e dos cuidados pessoais que lhe eram proporcionados, nas casas de beleza.

Fixando este tipo, o português adaptou-se, no Brasil, com facilidade, à mulher de pele escura, diz Gilberto Freyre, em seu trabalho "Interpretação do Brasil".

No período de dominação árabe entraram diversos grupos judaicos (Sephardim) aos milhares, eslavos e hunos, cuja contribuição, no "melting-pot" da península, não pode ser negada.

O mesmo deu-se com os ciganos que, após a expulsão dos árabes do sul da península, aí se instalaram.

Apesar de judeus e ciganos darem-se mais ao casamento endogâmico, houve influências culturais e um mínimo de influências étnicas, na própria península, sendo maior a influência que tiveram no Brasil, ao entrar perseguidos pela inquisição europeia.

É este o português que aqui chega, de tipo étnico moreno, classificado como pertencente ao "stock" Mediterrâneo. Se, no Sul de Portugal predomina o tipo moreno, no Norte ainda restam traços dos celtas e germânicos, bem marcados, e dos ~~brucuzados~~ vindos de outras partes da Europa.

Em Portugal, vimos que já tudo estava preparado para que não houvesse preconceitos no novo mundo, inclusive havia muitos escravos negros, anteriormente à colonização do Brasil e estes continuaram a entrar, nos séculos XVI e XVII, sendo absorvidos pela miscigenação, paulatinamente.

Uma boa parte dos louros, de olhos azuis, no Brasil, é da fase histórica e proveniente de Portugal.

Toda esta evolução explica o caldeamento no Brasil, a falta de preconceito com que nos formamos até o presente.

b) Na América do Norte a colonização foi diferente.

Os colonos vieram em grupos, acompanhados de suas famílias, imbuídos do ideal de conservar seus pontos de vista religiosos, pelos quais eram perseguidos em sua terra.

A própria diferença, de intolerância da seita que traziam, fechava-os em casamentos grupais. Enquanto isto, no Brasil, os jesuítas procuravam como vimos, criar uma nacionalidade organizada, para homens, sem esposas e sem atritos de etnias e culturas que, procuravam moldar, com a educação.

O Brasil, na realidade, nasceu e cresceu à sombra de uma cruz (ilustramos com o poema 1) que nos proporcionou soluções pacíficas nos momentos mais graves.

A primeira atitude dos colonizadores da América do Norte, foi a de isolamento e superioridade que, desde os primórdios, criou profundos antagonismos.

Não vamos cair na tese de que os povos de origem ger-

À Sombra do Madeiro

Profª Emília Thereza

Apórtam náus,
descem louros,
morenos portugueses,
descendentes de celtas,
de germânicos,
de mouros,
bascos na miscigenação maior perdidos.
Pujantes terras
esmeraldas matas,
mar em ondas mansas,
no perene beijo,
no abraço azul,
recebem irmãos que de outras terras chegam.
Nobres, reluzentes medalhas,
estandarte da cristandade erguem,
de madeira enorme cruz ostentam.
Jovens na batina preta ocultam
Juventude que dos olhos jorra.
Jesuítas sobre a areia branca ajoelhados:
Manuel da Nóbrega,
Anchieta a escrever a Deus
eternos poemas que na espuma cristalizam
fé, virtude nas humanas mentes.

Acorrem de mil côres enfeitados,
índios fortes, indômitos, queimados,
filhos da lua,
irmãos dos rios.

Frente ao madeiro dobram-se os fortes,
penas coloridas inclinam.

Sob o Divino olhar portugueses de além mar,
nova raça multiplicam.

Muitos gemidos chegam aqui depois,
sob a bandeira da vergonha
que a Castro Alves faz chorar.

Negros corpos traçam
de braços doridos o progresso.

Juntos suam a terra:
velhos donos em cânticos guerreiros,
nas velhas lendas da Iara,
a fazer da mandioca a nutrição de cada dia.

Amor,
amor ao filho,
amor à terra,
amor à vida,
neste Brasil abençoado, por três povos é cultivado.

À sombra do madeiro
que Cristo desenhou,
nasce o povo brasileiro:
que não canta a pureza da raça,
traz consigo a graça

de índios,
de portugueses,
de africanos,
a se amarem sem ódios, sem preconceitos,
porque sobre o Brasil pairou,
sobre o Brasil paira
imensa cruz
que para nos redimir matou Jesus!

.....

.....

.....

.....

.....

mãnica não se adaptam aos trópicos e que têm preconceitos raciais. Evidentemente o homem cria padrões estéticos e, em áreas mais miscigenadas, e de maior contato de cores de pele e tipos físicos variados, se vão modificando os padrões estéticos.

No caso dos colonizadores norte-americanos funcionou o problema do padrão estético (note-se que o inglês já é produto de diversas mestiçagens, com elementos não nórdicos, embora não escuros), mas toda a conjuntura que os trouxe ao novo continente e seus hábitos cristalizados, em torno de uma doutrina, tornou bem mais difícil a miscigenação (bem como a presença de suas famílias).

Vianna Moog, em seu excelente livro "Bandeirantes e pioneiros", analisa as duas colonizações detalhadamente, aqui a penas diremos que, da distância dos primeiros tempos, foi nascendo o ódio, o rancor, o preconceito que é uma realidade, até hoje, nos EE.UU.

E, se no Brasil, deu-se a libertação dos escravos, sem que se derramasse uma gota de sangue, na América do Norte a terrível guerra de Secessão, incrementou ódios indelévels, sulcando o solo do país de sangue e lágrimas.

Note-se que, no Brasil, os próprios pais de mulatos, filhos de suas escravas, davam-lhes, muitas vezes, educação. En contramos, desde os primórdios, negros e mulatos ilustres no Brasil, sobressaindo em vários campos de cultura e da vida política, o que dá ao brasileiro a consciência da não inferioridade da cor.

Na América do Norte há imenso crescimento do negro atualmente, mas com antagonismo marcante, perigoso para a própria integração nacional e, conseqüentemente, à Segurança (quanto a este aspecto voltaremos em torno de pesquisa nossa).

Esta tradição brasileira, de povo miscigenado, sem estratificação racial tem que ser mantida, porque é uma das preciosidades da nossa formação e nunca é demais lembrá-la.

Muito se fala do maior progresso da América do Norte que do Brasil, atribuindo-se as diferenças às dificuldades do clima tropical ou a qualidades maiores dos ingleses e outros europeus que os seguiram, em colônias estabelecidas na América do Norte.

Chegam a julgar, alguns, que se tivéssemos outro tipo de colonizador, como o inglês ou holandês, teríamos encontrado mais rapidamente o desenvolvimento.

Em primeiro lugar, sentimos, que o grupo de América do Norte veio já organizado política, econômica e socialmente, com possibilidades técnicas e econômicas maiores, enquanto, em capítulo anterior, sentimos o sacrifício dos elementos esparsos que se instalaram no Brasil.

Por outro lado, notamos que o caso das Américas foi sui-generis. Na África nem portugueses, nem ingleses ou belgas realizaram grandes colonizações que criassem nacionalidades com a plenitude do Brasil, de identidade climática com a África.

Creemos que o fator religioso, na América do Norte, tenha sido um dos fatores de maior influência no esforço e su-

cesso de conquista (os religiosos perseguidos tornam-se mais resistentes pela defesa a sua fé, como os que defendem valores morais fortalecem-se às ameaças; a História o tem comprovado), como no Brasil a maior parte do sucesso pode ser atribuída a ação dos jesuítas.

Mas preferimos, apesar do desenvolvimento mais lento do Brasil, em relação a América do Norte, este tipo de colonização, aculturativa e assimilativa, baseando-se numa forte miscigenação, que vem dos "stocks" primitivos, formando grupos específicos e subgrupos que se perdem, em nossos estudos antropológicos, porque deu sólidas bases à unidade nacional.

Na Índia, não teve também os mesmos resultados, o português, não aplicando os métodos de miscigenação e aculturação utilizados no Brasil, portanto não se pode atribuir o sucesso do Brasil exclusivamente a sua formação étnica, mas à nova conjuntura.

A solução tão favorável, no Brasil, não dependeu do português em si, embora sua formação tenha facilitado, mas ao conjunto de elementos que acabamos de focalizar, próprios de um espaço e de um tempo históricos.

II 2-C COLONIZAÇÃO HOLANDESA

Os holandeses ocuparam Recife e Olinda de 1630 a 1649.

Muito se tem discutido sobre a maior vantagem, para o Brasil, de ser colonizado pelos holandeses. Outros têm trazido à baila fracassos da colonização holandesa, em outras áreas e

a tese, que não aceitamos, da não miscigenação do holandês a povos de outras etnias.

Na realidade, o que podemos dizer é que a experiência holandesa foi demasiadamente curta, no Brasil, para se poder fazer uma avaliação total, no entanto os holandeses deixaram claros sinais de miscigenação no nordeste.

Não tinham preconceitos religiosos ou "raciais", no sentido lato, porque embora o "judeu" nunca tenha sido uma raça e sim um grupo cultural, foi várias vezes classificado como tal e perseguido, em função principalmente do "imbreeding" que é quase total. Entre os holandeses que aqui aportaram havia muitos judeus.

A liberdade de culto foi completa no Brasil holandês, a católicos e judeus, embora os holandeses fossem protestantes. Sua colonização alcançou grande brilho cultural, formando-se grupos de artistas e literatos. Fala-se da incapacidade do holandês de penetrar o interior do país, mas sobre este fato, nada pode ser esclarecido, pela faixa de tempo que aqui estiveram.

É preciso, no entanto, não atribuir às famílias louras de olhos azuis, do nordeste, a origem holandesa, porque junto aos holandeses vieram alemães, do mesmo tipo e, como já vimos, havia portugueses com características semelhantes, pois só o levantamento de genealogias, de famílias nordestinas louras, pode apontar-nos, até que ponto, foi a miscigenação holandesa. O próprio holandês demonstra variação tipológica: dolicocefalos, muito claros, louros, de olhos azuis, ao Norte, menos louros, braquicefalos e mais pigmentados ao Sul, o que demonstra que na

Holanda houve miscigenação, com elementos Mediterrâneos, mais pigmentados.

Mas não se deve, apesar do pouco tempo, negar sua influência na miscigenação brasileira, no período histórico.

Segundo as estimativas, só com Maurício de Nassau, entraram mais de 7.000 holandeses. Algumas das mais importantes famílias nordestinas trazem a marca desta miscigenação, mantendo o fenótipo através de várias gerações, graças a características dominantes muito fortes, pois depois que os holandeses se retiraram, estas famílias, prosseguiram sua amalgamação, com outros biótipos.

Nassau mostrou todo o interesse em aproximar a classe alta do nordeste dos holandeses, muitos ilustres artistas e nobres, através de casamentos.

Faltou ao holandês um elemento de ligação com a força que tiveram os jesuitas, relativamente ao português, considerando que, tolerância religiosa, apesar de protestantes não lhes faltava.

3 - ELEMENTOS FORMADORES DE ETNIA BRASILEIRA:

3 - A) O Índio Brasileiro

Fartos têm sido os estudos sobre o índio americano. É difícil separar especificamente o índio brasileiro do americano em geral.

Para caracterizá-lo tomamos os estudos de Herdlička, no início deste século que acentua: cabelos negros, lisos, pele amarela, do tom chocolate ao bronzeo, olhos castanhos escuros, do bra mongólica. Estas características gerais são do "stock" mongoloide, mas há variantes de estatura e de índice cefálico e cor da pele, indo da dolicocefalia à braquicefalia pois estas variações, entre as tribos, são acentuadas, considerando que mantém o "imbreeding" e as variações ecológicas são grandes, em suas localizações geográficas. Segundo a tese de Pericot, que é a mais aceita nos meios científicos, teriam vindo do Oriente, em diferentes épocas.

As conclusões fundamentais são de que nosso índio não é autoctone e, sim, oriundo de grupos paleo-asiáticos, cujos últimos representantes seriam os esquimós.

O fenótipo do índio brasileiro é, portanto, mongolói-de, escurecido pelas condições do "habitat" brasileiro e com diferenças, inclusive culturais e linguísticas, como as variantes étnicas que vimos antes, provenientes de mestiçagens e contatos culturais, anteriores à entrada no Brasil. Podem ser distingui- dos nitidamente 4 grupos linguísticos.

O contingente de miscigenação com o elemento europeu e negro foi relativamente alto, no período da colonização, formando dois tipos básicos:

- a) O mameluco ou caboclo que já focalizamos antes;
- b) O cafuso ou curiboca que constitui a mestiçagem do negro com o índio.

Considerando as mestiçagens básicas do índio, as amalgamações com subgrupos foram continuando a processar-se e dos subgrupos entre si, donde os mais variados tipos de brasileiros.

O estabelecimento do número de índios, no Brasil, sem pre obedeceu a critérios empíricos.

Em 1583 falava-se em 18.500 índios civilizados, sem precisão para os não civilizados.

Em 1922, Roquette Pinto, atribuía à população indígena a porcentagem de 2% da população brasileira.

Em 1950, quando se realizou o último censo, com distribuição de cores, no Brasil, obteve-se como resultado:

- Amarelos - 0,63% (entre os quais deve haver miscigenação indígena, além da asiática).
- Pardos - 26,24% (também aqui entram miscigenações indígenas).

Os índios raramente constam das estatísticas e, assim mesmo, de forma pouco convincente.

Em 1872 a estatística dá uma proporção de 3,9% de índios e a de 1890 de 9%. Esta subida na proporção do número de índios, parece-nos uma falha, considerando que a entrada de

imigrantes brancos aumentou, neste período e a miscigenação indígena tenderia a diminuir a sua proporção.

O Instituto Brasileiro de Estatística forneceu-nos o cálculo de 200.000 índios, estimados pelo Serviço Nacional de Proteção aos Índios em 1960, adiantando que 90.000 estavam em contato com a civilização.

A Fundação Nacional do Índio, dá-nos, recentemente, a estimativa de 100.000 índios, sendo que apenas 25.000 em estado primitivo.

Continuando com este raciocínio, deduzimos que o índio tende a desaparecer, mantendo-se seu tipo físico, aculturado e civilizado, em pequena escala e miscigenando-se, em maior proporção. Nossa dedução é de que o índio é plenamente assimilável, acultura-se bem, tendo a mesma capacidade mental dos demais "stocks", formadores do Brasil. Apesar de manterem o "imbreeding" entre as tribos, miscigenam-se bem ao branco. Compreende-se que seu "imbreeding", visava manter uma estrutura sociocultural e econômica, onde ainda não havia Estado, defensivamente mas, uma vez integrado à civilização, não apresenta estereótipos ou dificuldades de acomodação.

Se cada vez penetramos mais o interior brasileiro, maior será a miscigenação indígena mas, em compensação, se não forem feitos estudos antropológicos imediatos e a preservação da grande reserva de cultura não material do índio (com rico folclore, ritual religioso, trabalhos artísticos preciosos, com técnicas específicas, conhecimentos de farmácia e práticas mágicas que, à luz da ciência moderna, têm explicações científicas)

Ritual Tupi

Prof^a Emília Thereza

Iracema de negros cabelos vestida,
pés morenos despídos,
doce orvalho da madrugada pisa.

A lua olhos estira,
tudo examina.

Cabelos ao vento
em prece sadia.

Distante da mata,
de muros cerrados
em verde queimado,
o som compassado
das danças da tribo.

Penas, lá longe,
erguem-se altivas;
fogo crepita,
tateia no escuro.

Moças escutam:
da oca fechada
não podem sair,
jovens solteiras
tabu assim guarda.

Na taba dos homens
moços que entram,
meninos já não,
homens não são.

Enfrentam perigos,
enfrentam demandas.

Batem, rebatem aflitos tambores,
penas se movem em côres gritantes,
pássaros mortos,
vivos colares.
parecem voar.

De lábios humanos
Cantos de pássaros nas árvores ecoam.

O pagé no centro da ocára
agita maracá de deuses pintados.

Pedras saltitam,
guerreiros espíritos dançam.

Chega tuxáua:
imenso cocar,
arco e flecha de penas ornadas;
ergue-se canto,
moços entram na roda,
na vida,
no destino...

Cruzam tacapes,
mostram façanhas;
anima-se a dança:
jovens guerreiros são homens!

Inicia-se jovem
que ama Iracema,
que Iracema venera:
filho de tuxáua

é nobre,
é guerreiro,
aiucára ao pescoço ostenta orgulhoso,
muitos dentes de onça,
de gerações tantas
na mata criadas.
Da mata a orquestra acompanha:
cigarras rezando
em compasso constante,
pássaros cantando
cantos de amor,
pássaros sós voando nas árvores,
entoam alegres hinos à vida,
cachoeira terna
às núpcias consagra dolente canção.
Novo guerreiro começa a lutar.
Jovem escolhida na oca
espera núpcias reais.

Iracema no lago,
lábios febris,
meiga prece levanta.
Tupã, lá do alto,
recolhe esta prece
que veio de longe,
atravessando milênios,
prece de amor:
Tupã, meu Tupã,
ofereço os cabelos untados de óleo,

os lábios,

as mãos.

Ofereço esta lua
que brilha e adoro.

Ofereço a mandioca
de um mês de trabalho.

Ofereço minha rede,
com sacrifício trançada.

Tupã dou minha oca.

Abeguar leva no vento,
na tempestade,
este guerreiro que me destinam.

Dá-me Tupã, meu guerreiro que amo,
este guerreiro que é meu!

Tupã deus do Sol.

Tupã deus da Lua.

Tupã meu Tupã!

.....

.....

.....

.

grande material cultural se perderá (anexo 2).

É ponderável o problema da política nacional, diante da miscigenação indígena, com duas soluções:

- Deixar que os índios permaneçam em grupos a parte, preservando-os e protegendo-os.

- Proporcionar sua integração à civilização, pelo contato e deixando que se realize espontaneamente a miscigenação.

Embora esta segunda meta corte um campo de estudos, é a meta da democracia brasileira, dando oportunidades ao verdadeiro dono desta terra, de estudar e progredir, em igualdade de condições.

Podemos dizer que, no campo cultural, que não é a meta deste trabalho, houve grande contribuição do indígena na formação da cultura popular brasileira e na formação de tradições nacionais.

Atribuimos à maior parte de mestiços mongólicos, no Brasil, a origem indígena, inclusive há muitos mulatos e caboclos com olhos mongólicos e grande abertura Zigomática, comum aos índios.

A sua proporção na formação deste tipo é bem mais forte que a do asiático, compreendendo os aspectos da mestiçagem brasileira, até aqui analisados.

3 B) O negro:

Os negros africanos não formam uma "raça" pura e uni-

forme, como poderia parecer.

No Norte da África, sobre grupo negro inicial, derramaram-se hamítico-caucasóides e semitas, que empurraram para o interior os grupos mais escuros.

No interior, já havia substocks Pigmeus, Hotentotes e Bosquimanos; desta mistura surgindo o grupo Bantu que veio para o Brasil, em larga escala.

Os não assimilados formam grupos à parte.

Do século I ao século XV, os árabes invadem o Norte da África e realizam penetrações por todo seu interior, com miscigenação e aculturação razoáveis.

Portanto, é difícil falarmos em unidade dos negros africanos étnica ou culturalmente. Os menos miscigenados e aculturados são os sudaneses, mas assim mesmo aculturados e miscigenados. Na Nigéria do Sul o grupo cultural Iorúba, que dá imenso contingente ao Brasil, desde o século XIX, também não constitue unidade racial, nem cultural.

Há diferenças dentro do grupo de: cor da pele, índices nasais, volume dos lábios, etc.

Na própria Nigéria desenvolvem-se grupos de forte influência muçulmana, os Haussás, Malês e outros, que trazem para o Brasil uma formação cultural diferente e recebem a denominação de muçulmis.

O próprio ideal de guerra santa muçulmana explica vários levantes dos negros muçulmanos, para alguns autores. Parece-nos que, mais importante que o ideal de guerra santa, foi a

dificuldade de aculturação da religião muçulmana, praticada por eles, sem santos, com ritual próprio, ao catolicismo da classe dominante.

Os Bantus menos dolicocefalos, menos prognatas, com o nariz menos chato, detentores de uma cultura menos marcante que os Ioruba são, no aspecto cultural, bastante influenciados por aquele grupo, no Brasil e são os que melhor se adaptam à cultura católico-portuguesa.

Ao estudarmos a formação do Brasil já sentimos, aproximadamente, os contingentes negros entrados, com o tráfico de escravos.

No século XIX, quando se suspende o tráfico de escravos, já 2/3 estão miscigenados, o que mostra a grande influência do sangue negro na formação do brasileiro.

Assim comparando estatísticas de cor:

- a) 1872 - 19% de negros
38% de mestiços (aqui mestiço inclui outros miscigenações do stock não branco).
- b) 1890 - 14% de negros
32% de mestiços
- c) 1950 - 10,96% = negros
26,54% = pardos

Esta é a última estatística oficial de cor. A última estimativa é de 1970 e dá:

- d) 8% de negros
34% de mestiços, em geral.

O que sentimos é a miscigenação progredindo sempre no Brasil, tendendo a diminuir o grupo negro e aumentar o mulato (que aparece como pardo, em 1950, incluindo as outras miscigenações de índio e subgrupos vários).

Note-se que, em 1872 e 1890, a denominação dada ao híbrido, em geral, era mestiço, como na estimativa mais recente (1970) - Anexo B.

Embora o nosso estudo focalize a miscigenação é impossível, especialmente no caso do negro, omitirmos de maneira total os aspectos da aculturação.

Os negros brasileiros, menos tolhidos que os americanos do norte, realizavam seus rituais no terreiro da casa grande.

O fato possibilitou a aculturação dos rituais africanos, com o culto católico, dando origem a cerimônias sincréticas, conhecidas com a denominação geral de macumba, mas com variantes que são principalmente:

Candomblé

Catimbó

Quimbanda e Umbanda.

À proporção que estes cultos são realizados, mais a - bertamente, acentua-se o sincretismo cristão e a receptividade do negro torna-se maior a assimilação e miscigenação. Por isto a umbanda é a que mais recebeu influências do cristianismo, enquanto ^ocandomblé foi o que se conservou mais puro, em seus ri tuais africanos mas, mesmo o candomblé, tem influências católi-

cas, como veremos a seguir.

Na América do Norte o negro via-se na contingência de cultivar o banzo, cantando os "blues" em surdina, criando os "spirituals", o "jazz", os bairros negros e alimentando antagonismo racial. Hoje a política norte americana procura criar oportunidades aos negros, combater os preconceitos, mas os ódios, de parte à parte, estão enraizados. No entanto, a influência do negro, na cultura da América do Norte, é uma realidade, pelo simples contato cultural e fraquíssimo "out breeding".

No Brasil os ioruba e os bantu se miscigenavam ao colonizador, paralelamente ao processo aculturativo. Mas os muçulmi tinham mais dificuldade na aculturação e assimilação.

No caso dos muçulmi, o elemento de integração que predominou, foi a miscigenação que apaziguava os ânimos, pelo nascimento de uma criança híbrida e, mesmo havendo levantes, não eram de características raciais, como querem alguns, mas por falta de acomodação social.

Atualmente verificamos que, no próprio candomblé baiano que, na época do Prof. Arthur Ramos, parecia muito puro, já há sincretismo católico. Assim o cerimonial que precede à descida dos orixás, que já fundem seus nomes africanos aos de santos católicos, a "babalorixá" distribue pipocas e uma cuia contendo uma mistura de vinho e mel, às filhas de santo. Este ritual imita a comunhão católica.

Assistimos, ao estudar o candomblé baiano, em 1965, a formação da procissão do sacrifício, constituído pelas "filhas

de santo", munidas de velas acesas e que ofertam um animal para o sacrifício.

O sacrifício do animal é proveniente dos ritos africanos, em seu primitivismo, mas a procissão é sincretismo católico, aproximando-se de ritos cristãos que deram origem às dramatizações medievais.

No candomblé, ainda aparecem fetiches africanos, como Exu (o demônio) ligados a práticas de magia, originárias da África, mas que encontram, em alguns aspectos, correspondentes nas bruxarias e feitiçarias européias.

A música é africana, com instrumentos de percussão, demonstrando condições de um ritual bárbaro e primitivo.

Já na umbanda é completa a fusão dos santos católicos aos orixás africanos. Os "pegis" da umbanda são repletos de santos católicos que trazem os dois nomes: um católico, outro africano. A cerimônia, mais suave, substitue os instrumentos por cânticos, em que são misturados hinos cristãos e cânticos africanos. O ambiente é coberto de flores e defumado de incenso e mirra, como na igreja católica. Não podemos esquecer que a influência cristã, é tão forte, na umbanda, que a filosofia cristã do perdão é sua tônica, enquanto nos rituais menos aculturados, há muitos espíritos demoníacos e vingativos.

Como podemos sentir, o crescimento da umbanda, no Brasil, é sinal de aculturação, mas trás também uma aproximação maior com o branco, facilitando a miscigenação e é uma afirmação cultural e espiritual do negro, a princípio, para ser um

símbolo da própria miscigenação, depois.

A descida dos "pretos velhos" e "caboclos", mantem o poder espiritual da população negra e mestiça (como temos pesquisado há vários anos), sem, abandonar a força dos santos brancos.

No tempo em que o prof. Arthur Ramos realizava pesquisas, sobre o assunto, nas décadas de 30 e 40, o ritual era pobre e restrito. Hoje é rico de simbolismo e muito espalhado. É, de uma forma geral, a melhor manifestação do padrão luso-afro-índio-brasileiro, com peculiaridades regionais, sendo manifestação, não só do mestiço, pois de todas as etnias do Brasil saem adeptos da umbanda.

A figura mais simbólica, do sincretismo e miscigenação dos rituais africanos, é a poderosa Iemanjá. Iemanjá sintetiza os cultos das águas: africano, indígena (Iara) e da sereia européia (Lorelai, que tem cabelos longos e louros, pele muito branca e canta, atraindo os pescadores, para a morte, em seus braços).

Nas praias e nos terreiros é confundida com Nossa Senhora, mas Iemanjá é, também, a figura que sintetiza vários tipos físicos. Não é loura, como Lorelai, nem negra como a Iemanjá africana. Não usa os trajes cheios de pudor de Nossa Senhora. Apresenta a bela figura de uma mulher, bem branca, longos cabelos negros, ondulados, características anatômicas da mulher brasileira, já miscigenada.

Os traços faciais são de mulher branca, o ondulado dos cabelos negros simboliza a combinação de cabelos ulétricos e cimétricos. "En passant", através de uma figura de ritual popular, a cultura brasileira, escreve mais um capítulo da miscigenação.

Luanda

Do livro "No horizonte das fontes ca -
ladas..."

Profª Emília Thereza

Luanda

Luanda

luar

luanda na rua

no céu...

no mar...

Luanda

Luanda

muamba de sol

de sal

de espuma.

Luanda de mar!

Luanda

Luanda de praia gostosa,

de renda de areia,

de canto de mar

que liga esta terra,

passado e presente

que no Brasil vem dançar!

Luanda

Luanda

de roupas vistosas

de roupas floridas
que nascem na África amiga
e passam vibrando nas praias do Rio:
vermelhas de sol,
azuis de ternura,
de flores de lua,
de algas do mar.

Luanda

Luanda

negra que é África
que é estátua de ébano,
gingando na praia
à sombra da lua nas águas do mar;
que dança este samba
e bate atabaques
nas costas suadas do negro da África,
que é costa de terra,
que nosso mar vai beijar.

Na praia do Rio,
na praia macia,
passa morena,
requebra mulata
da terra que nasce,
da terra que cresce
da terra que reencontra
raízes de mar,
esculturas de areia

estampas de alma
do ritmo,
da música
do canto de Luanda
que é canto do mar,
que é canto de amar!



II 3C - IMIGRAÇÕES EUROPÉIAS E ASIÁTICAS

Podemos dividir os elementos construtores da etnia brasileira em:

- a) Históricos
- b) Imigrantes

a) Os elementos históricos foram analisados. São os responsáveis pelo caldeamento inicial do Brasil.

b) O imigrante é sempre um "culture-carrier".

A partir do século XIX entram elementos brancos, em muito maior quantidade, impulsionados por condições intrínsecas (brasileiras) e por acontecimentos da conjuntura mundial.

Logo que D. João VI se instala no Brasil, dois fatos põem o país em evidência: ser a sede do governo e a abertura dos portos ao comércio.

Antes da chegada do príncipe regente, a população brasileira era avaliada em 50.000 pessoas, declarando Spixe e Martius, que o número de habitantes de cor era superior ao branco (Observo que a opinião deles deve ter-se baseado nas capitais e grandes fazendas litorâneas, onde o número de escravos era símbolo de prestígio, mas não no Brasil todo).

De 1808 a 1817, estima-se a entrada de 24.000 portugueses, seguidos por alemães, ingleses, suecos, franceses e italianos. Calculava-se que a população aumentara para 4.000.000, em 1819.

São organizadas, no século XIX, Sociedades de Colonização, no Brasil, havendo larga imigração de alemães para as colônias do Sul.

Com o sucesso dos alemães, são atraídos portugueses (já classificados como imigrantes) espanhóis, italianos, poloneses e outros.

A industrialização européia, criando competição entre o homem e a máquina, a consequente desvalorização da mão de obra e a dificuldade de empregos, impulsiona o europeu, cada vez mais, para o Brasil.

Embora em 1850 ainda não tenhamos dados oficiais de imigração, completos, podemos dizer que, a cessação do tráfico de escravos, incrementou o movimento dos imigrantes que deveriam substituí-los na agricultura.

Preferimos, diante de estatísticas oficiais, a partir de 1884, não misturá-las a estimativas que, além de tudo, são parciais. (Por exemplo: a estimativa de imigrantes, entre 1851/1854 é de cerca de 39.000 e de 1864/1873 é de 103.000).

Após a libertação dos escravos, maior é o afluxo de imigrantes, subindo a 132.070, em 1888, segundo fontes do Departamento Nacional de Imigração que anexamos.

Os pontos altos desta estatística que se estende de 1884/1963, serão salientados, por diversas vezes em nossa análise (sendo anexado o gráfico - nº 7 - folhas 1, 2 e 3).

De toda forma, observando dados parciais até 1884 e de 1884 a 1963, podemos concluir que, dada a facilidade de mis-

cigenação no Brasil, o país passa por um processo de branqueamento.

Se originalmente temos uma entrada de 5.000.000 e 6.000.000 de negros, até a cessação do tráfico, e de 1884 a ... 1963 tivemos uma entrada de cerca de 5.000.000 de imigrantes de preferência alemães, italianos, portugueses, espanhóis e russos e uma taxa mínima de japoneses (as cifras destes são pequenas, relativamente às européias, não chegando a 10.000 por ano, só ultrapassando esta quantidade 6 vezes, em tão longo período).

Os grandes períodos de imigração foram: logo após a cessação do tráfico (com estimativas parciais), o que se seguiu a abolição da escravidão (1888/1898). Foram ainda muito altas as imigrações entre 1884/1888 e 1899/1908, antes da primeira guerra mundial e o que precedeu a terceira grande guerra mundial.

Considerando-se as estimativas anteriores, algumas das da parcialmente, podemos calcular em 8.000.000 de imigrantes a até 1963.

A Constituição de 1891 dava liberdade aos Estados da União de patrocinarem a imigração que julgassem necessária. São Paulo capitalizava 84% das imigrações. A Constituição de 1934 estabeleceu, legalmente, que o número de imigrantes não poderia ultrapassar o número total de 2 por cento dos habitantes nacionais, isto garantiu a manutenção das tradições nacionais.

Em 1938 estabelecia-se que, 80% dos imigrantes, deviam dirigir-se para a lavoura.

Estas medidas evitaram o isolacionismo e procuram acentuar os processos de aculturação, assimilação e miscigenação, permanecendo a progressão do movimento de integração nacional.

II 3D - REFLEXOS DOS DIFERENTES GRUPOS DE IMIGRANTES SOBRE A FORMAÇÃO ÉTNICA DO BRASILEIRO:

Os imigrantes, entrados no Brasil, sob o rótulo geral de europeus e asiáticos, pertencem a diferentes "stocks" étnicos, linguísticos, culturais, em geral, por isto, num estudo de miscigenação não podemos deixar de separar as proveniências e as reações dos diversos grupos, ao novo "habitat" e ao "contato social". Sem esta análise não podemos compreender a formação do Brasil de hoje e dentro do campo de prospectiva prever, pela evolução da aculturação e miscigenação, o Brasil de amanhã. É verdade que as ciências sociais e humanas têm um universo que vai do indeterminado ao aleatório, já que as reações humanas e as migrações são imprevisíveis, mas é possível, pelo processo de hoje, não vaticinar, mas prever, graças à evolução das técnicas de tais ciências, como pela própria influência do fator educacional.

Uma vez que separamos o português histórico, o holandês histórico e o espanhol histórico, podemos examinar, à luz da estatística os principais povos europeus e asiáticos que entraram no Brasil.

Já vimos no item anterior que só constam das estatísticas oficiais, como elementos que entraram, em larga escala, dentre os asiáticos os japoneses, mas é preciso não esquecer que onde se coloca outras nacionalidades, há inúmeros judeus que, embora dispersos pela diáspora, em várias partes do mundo, merecem um estudo à parte, pela contribuição que têm dado ao Brasil, da mesma forma que os diversos países do Oriente Próximo, rotu-

lados primeiramente como turcos e, posteriormente, como árabes. Inúmeros judeus entraram no Brasil, trazendo a nacionalidade dos países em que estavam instalados.

Os imigrantes que concorreram com as maiores taxas, entre 1884 e 1963 foram os italianos, portugueses, espanhóis, alemães e austríacos (como se pode ver pela estatística anexada)

a) O italiano, já em sua pátria, não apresenta pureza racial. O homem que se formou na Itália, através dos tempos históricos, apresenta heterogeneidade de stocks e homogeneidade relativa de cultura.

À maioria da população mediterrânea, de olhos e cabelos negros, se haviam misturado, ao Sul da península, muçulmanos do Norte da África que nos fazem encontrar italianos, com o tipo que no Brasil reconhecemos como mulato, enquanto na Europa procura-se esquecer a miscigenação não branca.

Não podemos esquecer que, inclusive durante o período do Império Romano havia escravos, entre os quais, escravos negros que, com o correr dos séculos, foram absorvidos pela maioria branca.

Há áreas na Itália, como a de Milão, onde é mais forte a influência germânica e predominam os tipos louros, de olhos azuis, enquanto, em outros pontos, formam-se pequenas ilhas étnicas do mesmo tipo, mas a maioria da população italiana é do tipo Mediterrâneo, de olhos e cabelos escuros e pele de clara a morena.

Entre os grupos que vieram para o Brasil, encontramos louros, de olhos azuis e morenos mas, de toda forma, como

elementos brancos, com raras exceções, clareando a população nacional. Apresentam marcada dolicocefalia.

A mais forte imigração italiana dirigiu-se para São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas, Guanabara, Santa Catarina e Paraná. Os italianos não têm encontrado, desde os primeiros tempos, dificuldades nos processos de miscigenação, aculturação e assimilação, no Brasil. Sua acomodação é excelente, contribuindo para a formação étnica do Brasil, principalmente a partir da segunda geração de imigrantes, mas há casamentos inclusive na primeira.

Culturalmente são católicos e têm estrutura de família patriarcal, como os portugueses, o que ajuda a miscigenação.

No período de maior imigração entraram 1.413.767 italianos no Brasil (1884/1944) e (de 1944 a 1963) 113.061.

b) O elemento português, do qual fizemos uma análise mais profunda, está perfeitamente integrado, deixando de ser atingido pelo decreto de 1938 que estabelece o limite de 25% de estrangeiros, de cada nacionalidade, para cada núcleo, mantendo-se 30% de elementos nacionais.

Os portugueses podem entrar no Brasil, acima das taxas regulares e, atualmente, por decreto, portugueses e brasileiros, passaram a integrar uma comunidade de tradições e costumes, linguísticos e culturais, o que dá aos lusitanos plena liberdade, no Brasil.

O imigrante português, como deduzimos do estudo anterior, trás-nos o fenótipo de moreno a claro, de cabelos e olhos castanhos, em maioria e uma minoria loura de olhos claros e pele

clara rosada.

A miscigenação de brasileiros e portugueses é uma realidade, na evolução histórica do Brasil que muito tem concorrido para a formação atual do brasileiro.

No período de mais intensa imigração entraram 1.227.307 pessoas, mas o número de portugueses é maior que o de italianos, pela continuidade da imigração, posteriormente (1944/1963 - ... 326.922) embora ligeiramente.

c) Os espanhoes históricos tiveram grande importância na formação do Brasil proporcionando, sob o aspecto físico e cultural diferenças, nos primeiros séculos, na província do Rio Grande do Sul, que não desapareceram até hoje, dando-nos o tipo regional característico do gaúcho, que muito se assemelha ao "gaucho" do Uruguai e da Argentina (física e culturalmente).

Nos primeiros tempos de nossa História, esta área foi disputada pelos espanhoes e muitas povoações tipicamente espanholas se formaram. Muito teria a História a contar da ação militar e jesuítica no Sul, no entanto o nosso objetivo é focalizar os aspectos da assimilação e miscigenação progressiva desta população; da aculturação e miscigenação de espanhoes, com açorianos que entraram muito, já na fase de imigração oficial e outros elementos europeus: portugueses, italianos e alemães, além de todo o elemento indígena e mestiço da região.

A miscigenação negra nesta área foi mínima, considerando a pequena entrada de negros no Rio Grande do Sul, no período colonial.

Na fase histórica, o espanhol marcou muito o Sul (não mostrou preconceitos quanto à miscigenação). Em aspectos numéricos, na fase da imigração oficial, dirigiu-se mais para São Paulo (78%).

Constituindo o 3º elemento europeu em nº de imigrantes, como demonstramos pela estatística anexa, o espanhol apresenta o mesmo fenótipo Mediterrâneo do português; moreno, dolicocefalo, sendo mais raros os tipos claros e louros, entre eles, em função da formação física do período da conquista árabe, ter marcado mais o espanhol que o português, podendo-se notar menores contingentes louros, não miscigenados, elementos da resistência visigótica, que se mesclaram nos reinos cristãos, engastados em meio aos reinos de taifas.

O espanhol não apresenta problemas quanto à miscigenação e os processos paralelos de assimilação e aculturação no Brasil, miscigenando-se na primeira geração e dando forte contingente étnico ao Brasil.

3 C-d) Os alemães antes de imigrarem para o Brasil já eram miscigenados, também. A tese de pureza racial, tão perigosamente levantada pelo nazismo, não obedece a nenhum preceito científico.

A Alemanha, através de estudo antropológico, revela nitidamente duas correntes étnicas: ao Norte, populações altas, dolicocefalos, de pele clara e, na região oriental, de influência eslava, braquicefalos, louros e mais baixos. Estas populações a apresentam alto índice de olhos claros, não deixando de, mais uma vez, comprovar a miscigenação, ainda na Alemanha, ao apresenta -

rem grupos de cabelos e olhos escuros, com pele clara. O tipo moreno não aparece na imigração alemã.

Os imigrantes alemães, no Brasil, dirigiram-se especialmente para São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Há no Brasil a idéia de que o alemão tem preconceitos, não se misturando ao brasileiro. A realidade é outra. Em diversas observações que temos feito podemos concluir que, em primeiro lugar, os colonizadores alemães vinham em grupos de imigração organizada, vivendo à parte em suas comunidades. Houve, no início deste século, preocupação com as colônias isoladas que ensinavam alemão, em suas escolas, criando o perigo de formação de quistos estrangeiros no Brasil.

A política de aculturação e diversas medidas legais, passaram a provocar a integração dos alemães no Brasil.

No entanto, desde que aqui entraram, podemos dizer que a miscigenação alemã começou a realizar-se já na segunda geração tendo, contudo, que analisar o problema, também do ângulo religioso. A maioria de alemães, vindos para o Brasil, é de protestantes, o que dificulta o casamento com a maioria católica, brasileira, mas não impede.

Os tipos montanhesees alemães, em geral católicos, têm contribuído mais para a evolução teuto-brasileira.

Mais uma vez queremos chamar a atenção para análise a pressada que se faz de determinadas atitudes humanas: é preciso não confundir os ideais religiosos dos alemães com o precon-

ceito de raça.

Tivemos oportunidade de observar dez alemães, casados com brasileiras, que vão do mulato ao preto. Os filhos destes casais apresentam características nitidamente híbridas, em 9 casos: cabelos alourados, crespos, pele de morena escura a mulata, nariz platirrino. A maioria apresenta olhos verdes, 2 olhos azuis e 3 olhos castanhos.

Em um dos casos a jovem é branca, de nariz leptorrino, cabelos alourados, olhos castanhos-claro, não tendo qualquer traço de miscigenação negra.

3 C-e) O austríaco, em proporção, vem em seguida ao alemão.

Estabeleceu núcleos coloniais, principalmente em São Paulo e pelos outros estados de colonização alemã, misturado ao alemão.

Seu tipo contribue para a manutenção de olhos claros no Brasil, embora a maioria tenha pele moreno-pálido, sendo os tipos mais morenos ou muito claros, excessões. Também sob os ângulos de aculturação, assimilação e miscigenação os austríacos não têm apresentado problema no Brasil.

3 C-f) Embora os holandeses não estejam na maioria estatística, cabe-nos uma palavra sobre eles, no período em que passam a entrar como imigrantes. Como já haviam demonstrado, em sua fase de colonização, não têm apresentado problemas na integração nacional, nos aspectos culturais (que não nos cabe aqui discutir, embora sejam muito interessantes), nem no ângulo da amalgamação. O único impecilho à miscigenação é, às vezes, o fator religioso.

3 C-g) Os eslavos, de alta estatura, pele e olhos claros, são constituídos por diversos grupos, que trazem em seu meio, outros elementos de diferentes tipos físicos.

A maioria dos eslavos vem da Polônia; muitos judeus que aqui entram como poloneses, mas são provenientes, inclusive, da Armênia, onde o tipo físico é totalmente diferente.

Os poloneses cristãos ajustam-se plenamente ao Brasil, com vida patriarcal, semelhante às tradições nacionais e adaptação até às práticas mágicas, produto do sincretismo brasileiro.

Os poloneses israelitas serão examinados à parte.

3 C-h) Os russos: eslavos, altos, são em maior número, de olhos claros e intermediários.

Trazem, nada menos de 169 grupos étnicos diferentes, em sua formação, incluindo-se chineses, tártaros, mongoes e turcos, o que produz grupos de diferentes características. Predomina o tipo alto, de olhos claros, apresentado a princípio, tanto sob o ponto de vista físico, quanto cultural, que é o realmente eslavovo.

Outros grupos eslavos, ou eslavizados, oferecem menores cotas a nossa imigração. Sendo em maioria ortodoxos, não fazem oposição à miscigenação.

3 C-i) Os judeus no Brasil

Não podemos fazer uma estimativa dos judeus no Brasil, pelo fato de constarem mais das estatísticas pelas nações que habitam, mas, chegando ao Brasil, são logo identificados pelas tra

dições que mantém.

A mistura do judeu no Brasil tem maior importância nos primeiros tempos de nossa história pois judeus, árabes e ciganos, perseguidos pela inquisição, aqui entraram e acabaram por miscigenar-se ao elemento local.

Tocamos no aspecto do judeu, por ser um povo perseguido pelo preconceito e, na própria pesquisa que realizamos, este ano, três povos, felizmente em absoluta minoria de entrevistados, foram apontados como inspirando preconceitos: judeus, alemães e japoneses, sempre com a explicação de que não se misturavam às populações locais.

É preciso deixar claro que não há "raça" judaica, nem "raça" semita, ambos os conceitos são culturais.

Assim se analisarmos o problema judaico, encontramos os judeus se miscigenando, nos primeiros tempos, mediante a conversão dos que com eles se casam. Em consequência, temos judeus negros, na Índia, na Abissínia e os Khazars na Rússia.

São encontradas diferenças na formação do grupo judaico primitivo mas, ficando com Deniker, cremos na mistura inicial de uma população assirióide, com um grupo de procedência árabe.

Embora depois da diáspora mantenham o "imbreeding", não têm propriamente por objetivo a manutenção de uma raça pura, mas de uma nação sem território. O judeu possui todos os elementos característicos de uma nação, exceto o território, daí a necessidade de manter as tradições, para não desaparecer como povo e nação.

Mesmo com a criação do Estado de Israel, não foi inte-

gralmente solucionado o problema, porque o número de judeus espalhados pelo mundo, não poderia ser contido naquela área.

Não se pode dizer que o judeu contemporâneo, mantenha-se fechado às influências culturais brasileiras ou à miscigenação.

No sentido de assimilação a nossa sociedade, está plenamente assimilado, não causando problemas. Os filhos de judeus imigrantes são brasileiros, como os outros, interrelacionam-se culturalmente e prestam serviço militar como os demais filhos de imigrantes, sendo nítida sua noção de brasilidade. Apenas no ângulo cultural, mantém a tradição israelita e usam duas línguas (o "idish" ou o "hebraico" e o português paralelamente) casam-se so mente segundo os rituais judaicos, na sinagoga e têm um nome na língua original e outro em português.

Aí está o grande problema de miscigenação. A família judaica impede, a ponto de usar luto, o casamento de um de seus filhos com o não israelita, a não ser que haja conversão da outra parte e o casamento siga a tradição israelita.

Em diversos casos que temos analisado, há vários anos, os filhos são educados segundo a tradição israelita. Esta é a condição que não é racial, mas cultural, para o "out breeding".

A prova de que esta atitude é para manter a tradição nacional, mais do que a religiosa é que, grande número de judeus não têm religião, vários aceitam o espiritismo, mas mantêm as reuniões nas épocas tradicionais e buscam conservar os costumes.

Desde longa data (do período da colonização) há grande

número de judeus Sephardin (da Espanha e Norte da África) no Brasil. Este grupo foi catalizado em grande parte pela mestiçagem luso-brasileira, embora em 1591 houvesse uma sinagoga na Bahia, o que prova manutenção da tradição religiosa. Mas não existe nenhum dado de endogâmia grupal, para aquela época, nem tão pouco para de exogâmia. Só o que nos contam as crônicas da época e o levantamento genealógico de algumas famílias.

Quanto ao outro grupo judaico, que se instalou na Alemanha, Polônia e Rússia, denominado Ashkenazin, vem misturado às outras nacionalidades. No período da segunda guerra mundial entraram grandes contingentes no Brasil, dirigindo-se, principalmente, às capitais: São Paulo e Rio de Janeiro.

Se analisarmos o judeu, como tipo físico, confirmaremos nossa tese de que houve profundas miscigenações, antes de sua política de casamentos, quase que exclusivamente endogâmicos.

Encontramos a parte do grupo do Oriente Próximo, fundamentalmente de nariz convexo (muito comum também no árabe). São leptorrinos, doliocéfalos, em geral bem morenos e de cabelos de ondulados a crespos.

Na Europa são mais altos que os Orientais, braquicéfalos, conservam a leptorrínia e a convexidade nasal, em 50%.

Os tipos louros estão entre estes (Ashkenazin), numa média de 10%, enquanto os Sephardin são morenos; quase na totalidade.

Mesmo quando não se miscigena, um povo tem tendência a modificar-se fisicamente, pela própria alimentação e clima, como

o demonstrou Franz Boas, nos EE.UU, com análises de grupos judaicos, que praticavam o "imbreeding", mas só isto não seria suficiente para as grandes diferenças entre Sephardin e Ashkenazin.

Esta pequena explicação do problema judaico, faz-se necessário para acabar com os estereótipos contra o judeu, mostrando que seu problema, especialmente no Brasil, onde não temos preconceitos, é cultural e não "racial".

Também este grupo temos pesquisado, com entrevistas, desde 1955, sentindo que, cada vez é mais acentuado o interesse dos mais jovens de fugir ao "imbreeding", que no sentido do nacionalismo, com a consolidação do Estado de Israel, será desnecessário, na proporção em que, aquele Estado, se firme no conceito mundial.

3 C-j) Japoneses

O japonês, já em sua terra, apresenta heterogeneidade étnica. Esta heterogeneidade, se bem estudada, revela diferenças de estratificação social, menos gritantes onde as características visíveis, pelo leigo, não são tão notáveis:

a) O tipo que forma, comumente, as elites sociais, possue olhos retos (para os homens) oblíquos (nas mulheres) nariz fino, convexo ou reto, relativa dolicocefalia, face alongada.

b) O tipo popular é braquicéfalo, face larga, maçãs salientes, nariz achatado, boca larga.

A estatura geral dos japoneses é de menos de 1,60m, para os homens e menos de 1,50m para as mulheres. A pele varia de amarelo-clara a amarelo mais escura, cabelos e olhos negros, li-

so e sistema piloso pouco desenvolvido. O maxilar superior é baixo e largo.

Como vimos, no cômputo geral de estrangeiros entrados no Brasil, até 1944 tínhamos 189.374, não tendo aumentado muito as taxas nos anos posteriores, embora esta seja a maior concentração nipônica nas Américas. O japonês se diluiria na miscigenação brasileira, como tipo étnico, mas o fato não aconteceu, pela sua concentração muito forte na mesma área.

Temos 90% dos japoneses entrados no Brasil, concentrados em São Paulo, dedicando-se à agricultura e formando núcleos.

Os estudos dos antropólogos brasileiros param, nesta fase de concentração japonesa e falam na sua possibilidade de acomodação, graças à estrutura de família patriarcal.

Completaremos a análise do japonês, com pesquisas nossas, feitas diretamente nas cidades de Marília e Campinas, respectivamente nos anos de 1961 e 1969. No Rio, com menor amostragem, temos entrevistado diversos estudantes universitários "nisei", a notando a pesquisa, rigorosamente.

Depois da primeira fase de concentração, em núcleos agrícolas, onde havia tendência da primeira geração de manter o casamento endogâmico, pelos costumes em geral, dando-se atenção especial aos costumes alimentares. Os japoneses apresentam grande diferença nas glândulas sudoríporas, em relação às populações que se alimentam muito de carne. O fato faz com que, o japonês, ainda vinculado aos hábitos de alimentação tradicionais note, lembrava o professor Arthur Ramos, um cheiro diferente nos outros "stocks", que encara como raças.

Chegando ao grande caldeamento brasileiro, o japonês, se foi acomodando. A segunda geração, que recebe a denominação de "nisei", imigra para as cidades, frequenta as Universidades e procura fugir ao costume dos casamentos endogâmicos.

Com o grande desenvolvimento de São Paulo, a ampliação da vida urbana, as cidades novas de São Paulo passaram a ser invadidas pela população de japoneses e "nisei".

Entrevistamos, nas duas oportunidades, 120 jovens estudantes, conseguimos assistir os rituais budista, xintoista e o culto aos antepassados, realizado em casas de família. Toda a desconfiança foi quebrada, após o respeito que demonstramos aos cultos xintoista e budista que acompanhamos, conforme o costume local. Principalmente, obtivemos informações precisas, no campo cultural, que interessam menos a este trabalho, através da filha de um poeta, proveniente de ambiente cultural bem mais elevado que a maioria.

As conclusões fundamentais a que chegamos, sob o aspecto da miscigenação, foram as seguintes:

1) Os japoneses de primeira geração procuram, em maioria, casar-se dentro do próprio grupo;

2) Conserva-se o costume do pai escolher o casamento de suas filhas, apontando-o, normalmente, dentro do próprio grupo.

As explicações dadas pela maioria de jovens, são de que os pais têm maior experiência para resolver. Que assim é mais certo que se casem e de acordo com o nível econômico-social da família.

Que desta forma haverá maior adaptação de costumes.

Entre as observações, anotamos uma, de uma jovem universitária que declarou que, caso não se entendesse com o atual namorado, não teria importância, porque o pai arranjará outro...

3) Encontramos diversos "nisei", de sexo masculino, nas cidades paulistas, na Guanabara e no Estado do Rio, casados com moças não "nisei".

4) Anotamos que quase todos os casamentos de nisei, que observamos fora do grupo, dão-se com moças filhas de europeus, de preferência de origem portuguesa, espanhola ou italiana.

Este fato atribuímos a dois aspectos básicos:

a) Estes povos têm características nitidamente patriarcais, trazem a tradição de séculos (que é importantíssima para os japoneses) e parecem a aquele grupo possuir uma pureza "racial" maior.

b) Entre os mais idosos ainda existe preconceito, não só da grande importância do japonês, colocando-o acima dos outros povos, como uma preocupação acentuada de manutenção dos costumes.

6) No período em que o professor Arthur Ramos fazia pesquisas sobre o assunto (até a década de 40) observava que a assimilação social e política era pequena, representando problema para o Brasil. Quando retornamos aos estudos, em 1961, o quadro era totalmente diferente. Os jovens "nisei" já não têm problemas para a miscigenação uma vez que, culturalmente, estão seguindo os costumes brasileiros, já estão em maioria cristianizados, sentem-se brasileiros, prestam serviço militar, pelo Brasil e en

tram em todos os setores do trabalho nacional, especialmente nos setores de medicina e engenharia. A democracia brasileira já nivelou, perfeitamente, o japonês e o integrou.

7) As próprias moças, mais sujeitas ao regime patriarcal, nas cidades, já casam com outros grupos, na primeira geração de "nisei", mas na segunda, plenamente adaptados ao Brasil, os descendentes de japonês casam-se a vontade.

8) Já em 1932 o prof. Bruno Lobo, baseado em observações pessoais, assinalava a miscigenação japonesa que, com mais segurança, localizamos trinta anos mais tarde, "em várias áreas do Brasil.

Podemos atribuir algumas características de "brasileiros": olhos amendoados e forte abertura zigomática à influência japonesa no Brasil. É preciso cuidado, porque embora saibamos que a forte mobilidade horizontal brasileira espalhou os japoneses, por todo o nosso território, após a concentração inicial (onde se localizam menos é no Norte e Nordeste) também o índio brasileiro e o cigano, apresentam algumas destas características, como acentuaremos adiante.

Com a progressiva miscigenação do japonês, tendemos a acentuar os aspectos mongoloides da população brasileira mas não atribuiremos sempre a esta procedência.

Consultando a última estatística do Departamento Nacional de Imigração, obtivemos as últimas taxas oficiais de imigração: a entrada de 6.378 imigrantes, em 1971, sendo do "stock" mongolóide 2415, proporcionalmente é muito, mas mudando a posi -

ção dos japoneses, com prioridade para coreanos e dando realce aos chineses. Já nas estatísticas de 1962, 1965, 1968 é proporcionalmente mais elevada a entrada de asiáticos (3822 - 1716 e 1663).

Considerando o processo de aculturação, assimilação e miscigenação brasileira, podemos crer que, dentro de uma geração, estes grupos também se estejam miscigenando.

9) Os "nisei", em geral, escolhem moças claras, de olhos claros e o biótipo resultante deste casamento é de grande beleza. Se não fosse a desconfiança que existe, em torno das pesquisas sociais, teríamos documentação fotográfica valiosa e bela, de jovens e crianças oriundas desta mestiçagem. Anotamos que os olhos permanecem mongólicos e negros, os cabelos mantêm a cor negra, o nariz torna-se mais afilado e a pele é bem clara. Isto constatamos, em 22 crianças, filhas de nisei e jovens brancas.

3 C-e) Os "turcos" ou árabes:

Sob a denominação geral de turco, entraram no Brasil variadas populações, vindas do Oriente Próximo, da Ásia Central e da Sibéria.

Só após a segunda década, do nosso século, estas populações, até então sob a dominação do Império Turco, passaram a ser registradas, nas estatísticas, com as respectivas nacionalidades.

Na maioria, este grupo, era constituído pelos árabes, denominação de carácter linguístico e cultural. Seus principais focos de emigração eram e continuaram a ser: Síria, Líbano, Pa -

lestitina, Armênia, Egito e Iraque. Neste grupo continuam a ser incluídos os iranianos que, embora tenham miscigenação e aculturação árabe, hoje formam um grupo à parte, falando o persa.

Estes povos constituem, sob o ponto de vista da antropologia física, um profundo amalgama, com sua posição na passagem, entre Oriente e Ocidente. Apresentam forte miscigenação do elemento armenoide com o mongoloide e, se considerarmos a antiguidade e período de dominação do Império Árabe, na região, inúmeros povos, de todas as cores, aí penetraram e se miscigenaram.

Sob o aspecto cultural, os árabes apresentam forte sincretismo, constituindo os imigrantes que vêm para o Brasil, principalmente os grupos maronita e grego ortodoxo. O muçulmano vem em menor número, em função de sua maior diferença de religião e cultura e o rigorismo de suas práticas religiosas. Mesmo assim os encontramos, absorvendo a cultura brasileira, assimilando-se ao nosso ambiente e até miscigenando-se no Brasil (vários casos, inclusive de casamento de primeira geração com uma cristã).

Os sírios e libaneses vêm do "tempo histórico" brasileiro. Na 2ª metade do século XIX vêm em quantidade, fugindo à dominação turca e por isso o que mais lhes dá raiva é serem chamados turcos.

Somando-se a entrada de Sírios, Libaneses e outros elementos arabisados, entre 1884 e 1944, temos 107.074 árabes, já na corrente de formação da população brasileira.

Estes dirigem-se fundamentalmente para o Sul e para o Rio de Janeiro, sendo mínima na faixa no norte e nordeste, mas i

mensa sua mobilidade.

Se nos fosse dado, nesta monografia, estudar os aspectos culturais, seria importantíssimo seu papel, a ser analisado, como "culture-carrier", no interior do Brasil, como mascate e até nas capitais como comerciante. Se nos trazem influência indireta, através dos muçulmanos e dos próprios portugueses e espanhóis, também é grande sua influência direta.

Realizamos, em 1955, uma pesquisa de amostragem, com 100 famílias árabes da Guanabara.

O mesmo questionário foi aplicado 15 anos depois, proporcionando uma análise das transformações, em uma geração histórica. Na ocasião, visávamos mais os aspectos de assimilação e aculturação, havendo, no conteúdo, alguns itens de utilidade para nosso atual estudo.

Repetiremos aqui a parte do conteúdo que interessa ao presente estudo:

Nome

Idade

Filiação

Naturalidade

Naturalidade dos pais

Cargo que ocupa

Grau de educação que possui

Bairro em que mora

Estado civil

Naturalidade da esposa ou marido.

Filiação da esposa ou marido.

O sr. concorda que seus filhos e filhas casem-se com não descendentes de árabe ? Porque?

O que notamos é que, dos 100 pais de família entrevistados, provenientes de diversos países árabes, apenas 10 por cento aceitavam com naturalidade, o casamento de seus filhos com moças brasileiras, não descendentes de árabes.

Quanto às filhas, segundo o regime patriarcal árabe, impediam o casamento, escolhendo o marido, mandado vir, com frequência, da Síria e Líbano.

A maioria dos pais, (assume proporção de 80%) aceitavam o casamento dos filhos homens, com outros grupos, por não podem impedir, em função de maior liberdade masculina.

Nesta pesquisa encontramos, árabes imigrantes já casados, fora do grupo, tanto homens como mulheres, numa proporção de 5% cento.

Quanto aos jovens, responderam ao questionário mostrando-se irritados com a pergunta sobre o casamento fora do grupo étnico e respondendo, em geral, que casariam com quem quisessem. Que eles próprios eram brasileiros e encontravam muitos dotes físicos e morais nas moças brasileiras.

As moças mostravam certa revolta, com o condicionamento paterno, mas reagiam pouco, na prática.

Em 1955 encontramos 50% de homens, filhos de pai e mãe árabe, casados com brasileiras e apenas 10% de moças.

Voltando à mesma pesquisa, em 1970, com as mesmas famílias, encontramos o quadro diferente. A própria geração de patri

arcas árabes, embora psicologicamente não aceite, em plenitude, as alianças, já não estabelece impecilhos e oposições. Encontramos maior naturalidade, em relação aos filhos e plena naturalidade para o casamento dos netos.

A faixa de 50% de casamentos masculinos, com moças não árabes, subiu a 80%. Quanto às moças, com a assimilação e aculturação do grupo, as atitudes não discriminatórias do Brasil, sua entrada nas Universidades, em número crescente, atingiu uma faixa quase igual à masculina em 1970 (70%).

Os velhos árabes, especialmente os libaneses, são muito apegados à tradição, falando muito em sua origem, ligada aos fenícios e nos grandes feitos históricos de seus antepassados, isto lhes dá um certo conceito de superioridade "racial" que desaparece na primeira geração dos árabes brasileiros e dilui-se na terceira, numa perfeita assimilação.

Na ocasião de nossas duas pesquisas, analisamos diversos ângulos de aculturação e assimilação, sentindo que o aspecto de estrutura familiar, muito contribuiu para a acomodação do grupo no Brasil. Chegamos a sentir que a aculturação gerou imensas trocas de hábitos populares e superstições.

Os filhos de imigrantes davam, em 1955, preferência a filhas de italianos, espanhóis e portugueses, como os nisei, talvez baseados no mesmo aspecto de respeito às velhas tradições ou porque, como filhos de imigrantes, procurassem outros grupos provenientes de fora e em fase de adaptação. Este fato não nos foi explicado, nem por árabes, nem por japoneses, mas foi uma reali-

dade observada em nossas análises.

Se os processos de assimilação e aculturação aproximam os grupos árabes, o que cimenta seus descendentes na nacionalidade brasileira é a miscigenação espontânea que, por sua vez, acelera os processos sociais e culturais iniciados. Não é preciso uma pesquisa mais profunda, para sentir como a cozinha árabe penetrou no Brasil, nos últimos anos.

Assim podemos ver que, se o imigrante é constituído, no caso do árabe de 95% de comerciantes, seus filhos dirigem-se, cada vez mais, às classes armadas e profissões liberais (70%).

Esta pesquisa, como a relativa ao grupo judeu, só foi conseguida, graças à colaboração de colegas e alunos, de famílias árabes, tornando-se impossível entrevistar, livremente, comerciantes, em suas lojas, fechados em grande desconfiança, quanto à pesquisa social.

A pesquisa por isto, com raras exceções, ficou entre as classes A e B.

A porcentagem atual de casamentos grupais (20 a 30%) já não revela "imbreeding", mas o natural, de grupos que estão mais próximos, visitando-se, frequentando os mesmos ambientes sócio-culturais, daí derivando as alianças.

O tipo físico que o árabe trouxe para o nosso "melting-pot" varia, pela miscigenação anterior, da dolicocefalia (dos sírios) e maioria braquicefala de libaneses. Os libaneses têm 20% de sua população com o tipo nórdico (proveniente da resistência às invasões árabes, sua mescla aos cruzados e, posteriormen-

te, influenciados por protetorado francês). Os sírios são Mediterrâneos, em seu "stock" primitivo, bastante morenos, em maioria e, parcialmente, influenciados por populações européias, especialmente francesa.

A sua miscigenação ao elemento brasileiro, costuma deixar uma única marca, a do formato do nariz, originário do Oriente Próximo, como o do israelita, porque no mais se aproxima bastante do brasileiro.

3 C-m) Ciganos

O número de ciganos entrados no Brasil, desde o período colonial, não pode ser avaliado.

Sua origem é bastante discutida. Ficamos com a tese de que sejam originários do Norte da Índia e, cremos que tenham recebido contingentes europeus, à medida que caminhavam pela Europa medieval (sobre seus caminhos, na Idade Média, fizemos uma pesquisa que não cabe neste estudo). Os não acomodados às estruturas sociais de então, uniam-se aos ciganos e os acompanhavam.

Possuem olhos escuros, cabelos lisos e negros, em sua grande maioria, não se podendo esquecer os elementos europoides que se misturaram, alguns mantendo características dominantes claras e de olhos claros, apesar do casamento endogâmico, adotado pelas tribos há muitos séculos.

Assinala-se o rosto comprido e as maças salientes que aparecem muito no mestiço brasileiro e que podem, em parte, ser atribuídos à miscigenação com o elemento cigano que se miscigena,

saindo da tribo ou pela conversão do par aos hábitos tribais, o que tem sido mais raro no Brasil.

Entraram no Brasil, em grande parte, em função de aquisição européia, isoladamente, como degredados, ou em grupos. A maior parte miscigenou-se, perdendo-se no meio de nosso amálgama, mas deixando suas marcas físicas e pequenas influências culturais.

Falam em suas tribos, que têm costumes próprios, dialetos próximos do indú. Cada vez mais o cigano se vem integrando à civilização e tornando-se brasileiro, na acepção ampla da palavra.

4 - ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO HOMEM BRASILEIRO:

Se já analisamos até aqui os contingentes básicos que formaram o homem brasileiro, numa grande amalgamação que não cessou, nem poderá cessar, uma vez que o processo social é dinâmico e, mais dinâmico, em países em desenvolvimento, principalmente quando vêm, como o Brasil, historicamente evoluindo, sem separação de castas provenientes de conceitos de raça.

a) Uma breve recordação da estimativa de Caio Prado Junior de que até a libertação dos escravos teriam entrado de ... 5.000.000 a seis milhões de negros no Brasil, somada à informação de que podemos contar, aproximadamente, com 8.000.000 europeus e asiáticos, principalmente os primeiros, num período que medeia entre o início do século ^{XIX} a 1963, permite concluir que: da miscigenação inicial de portugueses, negros e índios houve um branqueamento progressivo da população brasileira, provocado pela entrada dos elementos brancos.

Analisando os principais grupos de influência étnica sobre o Brasil, italianos, alemães, portugueses e espanhóis, verificamos que o biótipo louro, de olhos azuis, entrou em escala bem menor do que o moreno, de olhos e cabelos castanhos.

A tendência normal da população brasileira, se não houver grandes modificações no processo migratório, será a de formar um fenótipo nacional moreno.

Em pesquisa de amostragem que realizamos, cujo quadro de resultados anexamos (anexos 4, 5 e 6), sentimos o processo atual de evolução do brasileiro, muito especialmente quanto a cor de cabelos e olhos: castanhos (44 para cabelos e 46 para os olhos, num total de 55 pessoas).

Cabelos de lisos a ondulados, ficando os louros e olhos azuis, em absoluta minoria (cabelos louros 4 e olhos azuis 2).

Os olhos pretos quase desapareceram (1 apenas) ficando os cabelos pretos reduzidos a 7 e os crespos a 3.

A altura média da amostragem revelou, a altura normal, entre 1,50 e um 1,70, predominando a faixa de 1,60 a 1,70. Sendo a análise relativa a 4 grupos de idade, a faixa de 20 a 30 anos não apresenta as mais baixas estaturas, que aparecem no grupo mais idoso e no grupo de menos de vinte anos que, ainda poderá crescer, demonstrando a evolução do brasileiro para maior altura.

O professor Gilberto Freyre, analisando, recentemente, a evolução do homem brasileiro (1972) dizia que já se estava formando o tipo nacional, ao qual atribuía pele bem morena, cabelos

e olhos escuros. A este tipo nacional, denomina além raça, su-
pra-raça, ou meta-raça, porque seria o tipo dominante nacional.
Este fato não excluiria nunca a existência dos tipos louros, de
olhos azuis, que se têm mantido por gerações, apesar de sucessi-
vas miscigenações e o tipo negro, que a elas tem resistido.

Isto porque, em matéria de genética, temos que contar
com as características dominantes que aparecem de uma geração pa-
ra outra, firmando-se de um modo que a família pode manter o bió
tipo por séculos. Não podemos esquecer, em genética, os caracte-
res recessivos que podem manter-se latentes, por várias gera-
ções, para posteriormente aparecer.

O problema dos estudos genéticos, baseados na teoria
de Mendel, encontra barreiras quando analisamos o ser humano. Nos
países socialistas, experiências de laboratório são feitas neste
sentido: os laboratórios de genética podem analisar a dominância e
a recessividade dos genes. Os países democrata-cristãos fogem
mais a este tipo de experiência.

No Brasil, podemos basear-nos no levantamento genealó-
gico de algumas famílias e encontrar diversas surpresas atávicas.

Entre as análises que fizemos, está a da família do Se-
nador R., de velha família baiana, de origens portuguesas, apre-
sentando como características básicas: cabelos louros, olhos a-
zuis e pele clara rosada. Casado com senhora morena-clara, de
velha família pernambucana, com raízes portuguesas, todos os fi-
lhos, em número de sete, herdaram o mesmo tipo paterno: cabelos
de louro a ruivo (uma só) olhos azuis e pele clara. Quase todos os
netos herdaram o tipo avoengo: sendo conservada a pele clara, os

olhos do azul intenso ao azul esverdeado e o cabelo do louro ao castanho claro. Só há uma neta morena, em 11.

Nos bisnetos repetem-se as características dominantes: cor da pele clara, olhos e cabelos, em 80%, assinalando-se que filhos, netos e bisnetos têm casado, em maioria, com pessoas morenas.

Entre as famílias que deste tronco se formaram, localizaremos uma, em que um neto, casado com moça morena clara, tem um filho com todas as características de índio, inclusive os olhos mongólicos.

Analisando os avós do lado materno, velhas famílias cariocas, uma de pele clara e olhos azuis, a outra de pele clara cabelos e olhos castanhos, tornou-se necessário consultar a família da esposa, que apresenta um bisavô índio. Logo, o jovem analisado, é um elemento em que apareceram os caracteres recessivos, guardados por três gerações, enquanto, seus dois irmãos apresentam: um: pele morena clara, cabelos e olhos castanhos, ou outro: pele clara, cabelos negros e olhos verdes.

Fizemos outros exames genealógicos, cujos resultados não apresentaremos, a fim de não alongar demasiadamente o assunto.

Voltando à pesquisa que realizamos recentemente, distribuindo cem questionários (cujo modelo e resultados anexamos - 4,5,6 a este trabalho) entre estudantes universitários, de várias procedências sociais, de vários bairros e de diferentes universidades. Concluimos, primeiramente, que a pesquisa social, envolvendo problemas de cor e costumes, nem sempre é compreendi

da, considerando que, quase 50% por cento de questionários não foram devolvidos.

Isto revela pouco amadurecimento no setor de pesquisa social, uma vez que fomos, pessoalmente, às Faculdades e explicamos o motivo e os objetivos da pesquisa.

Quanto aos resultados, não houve diferença quanto aos bairros.

Na parte relativa às idades, encontramos equilíbrio, tendo a maioria escolhido os mestiços, como constituindo a maior parte da população brasileira.

Quanto ao aspecto de superioridade de grupos étnicos, a grande diferença foi, quanto a amostragem que fizemos, entre os alunos que já estudaram a questão em nossas turmas de Estudo de Problemas Brasileiros, estes revelaram não crer em superioridades ou inferioridades, havendo poucas excessões, o que demonstra o valor da educação e da compreensão dos aspectos antropológicos.

O negro e o índio aparecem como inferiores, em alguns questionários, revelando um conceito, na atualidade, completamente superado pelas pesquisas científicas.

As respostas relativas ao conhecimento de leis que dão igualdade aos cidadãos, de qualquer cor, foram razoáveis e, muito bom o resultado, quanto ao conhecimento de que a raça não se identifica somente pela cor da pele.

X Em relação aos estrangeiros foram poucos, 5 em 55, que demonstraram a existência de preconceitos, alegando que alemães, judeus e japoneses não se misturam aos brasileiros. Estudos de antropólogos brasileiros, nas décadas de 20 e 40, já mostravam

miscigenação, quanto a japoneses e, comprovadamente, a evolução do Brasil e as nossas pesquisas pessoais, podem convencer-nos que alemães, judeus e japoneses miscigenam-se, nas condições analisadas, nos respectivos capítulos, portanto este conceito não passe de um estereótipo.

b) Entre as perguntas formulamos algumas que visavam analisar se há preconceito no Brasil. 44 em 55 acharam que sim, sendo que o grupo mais jovem o afirmou, em sua totalidade.

As bases que encontram para acentuar a existência de preconceito "racial" no Brasil, são, em geral, alguns clubes e hotéis que não aceitam negros.

Este fato afirmado pelos jovens, é uma realidade, principalmente das cidades do interior brasileiro, ou capitais menos cosmopolitas que o Rio de Janeiro.

No entanto, não existe apoio legal, dado o sentido da Constituição Brasileira artigo 153 (especialmente parágrafos 1 e 8) e a lei Affonso Arinos que estipula penalidades, para as demonstrações de preconceitos raciais, no Brasil. Achamos que estas atitudes, nas áreas sociais que procuram mostrar sofisticação, vêm acompanhadas de falta de profundidade cultural. Mesmo assim não cremos que este preconceito seja racial e sim sócio-econômico e cultural.

O brasileiro, pela formação histórica, tem noção de que é um povo miscigenado e que passou por um longo processo de assimilação e aculturação.

O problema básico do negro é que, há menos de um século saiu da escravidão, logo a sua maioria não atingiu um "status" econômico-social favorável. Morando, em geral, em péssimas áreas

com dificuldades habitacionais e carências alimentares, sua ascensão inicial é mais difícil, mas não há nenhuma oposição da sociedade a esta ascensão, ao contrário, quando o negro passa para o "status" cultural mais alto, recebe muitas atenções, porque todos compreendem a luta inicial da maioria.

Outra acusação feita, por alguns jovens, de que o negro não tem acesso aos mais altos cargos é, no Brasil, inteiramente errônea. Grandes vultos da política nacional, como José do Patrocínio, da literatura como Machado de Assis, Lima Barreto e outros, bem o demonstram, como atualmente políticos e homens públicos brasileiros, que constituem uma honra para o Brasil e são por todos reconhecidos como tal.

Se no campo esportivo louvamos um Pelé, no cultural, outros grandes vultos, ocupam cargos governamentais e até ministérios públicos e deputações.

No Brasil existe, pela índole nacional, totalmente anti-escravagista, que fez com que toda a opinião pública se levantasse favoravelmente à libertação dos escravos, certa dificuldade de classificação de stocks. No entanto houve escravidão no mundo inteiro, na Antiguidade e na Idade Média, só o Catolicismo Romano a impediu! Nos tempos modernos prosseguiu e ainda prosegue, em algumas partes, a escravidão que, na realidade, é o mais revoltante fato social. Mas nenhum país se sente tão mal por ter tido escravidão como o Brasil, pelas nossas características democratas e cristãs. Por outro lado, a escravidão nas Américas, chamou mais a atenção pela diferença acentuada da cor da pele do escravo.

O brasileiro sente pudor no uso da palavra negro, que é o termo científico, substituindo-a por preto. No entanto a palavra negro, é uma das mais belas e expressivas da língua portuguesa, sendo plenamente utilizada pelos poetas, como elemento estético. O tipo negro é belo como o branco, dependendo da melhoria dos padrões econômicos, que se refletem sobre os estéticos. Este aspecto brasileiro, revela o espírito receptivo e um subconsciente que deseja esquecer a escravidão, quando o negro era tratado como "peça da Guiné ou da Angola".

Outro ponto levantado pelos jovens, foi o do pequeno número de casamentos de negros e brancos. Quanto ao fato, não dispomos de estatísticas oficiais do número de negros, depois de 1950. Esta foi a última estatística de cor no Brasil, mas se consultarmos as que possuímos, sentimos que o negro vai diminuindo, enquanto o pardo vai aumentando, em algumas estatísticas e o mulato em outras.

Uma das dificuldades de avaliação destes dados, está na imprecisão terminológica. O que em algumas estatísticas aparece como mulato, em outras aparece como pardo e mais adiante como mestiço. Variando, ainda, a terminologia relativamente ao elemento miscigenado com o indígena.

Assim colocamos "in totum" o recenseamento de 1872:

38% de brancos

38% de mestiços

19% de negros

3,9% de índios

Nesta ocasião já se havia iniciado a entrada de europeus

imigrantes, não se tendo estatística precisa, mas pode-se ver que a mestiçagem era intensa considerando que, segundo os cronistas, o número de negros era maior que o de brancos, até o século XIX. O número de mestiços o comprova, até hoje e este número vai muito além das estatísticas, pois o mestiço, não muito escuro, se tem principalmente ascensão social, passa a moreno.

Em 1890 as estatísticas dão:

44% de brancos

32% de mestiços

14% de negros

9% de índios

Relativamente aos índios já comentamos antes, mas cabe notar que a proporção dos brancos continua a crescer, com a imigração e os negros, continuam a diluir-se na miscigenação, havendo já o "passing" de mestiços a brancos.

Sendo esta estatística, logo após a abolição, o "branqueamento psicológico" que é natural, no julgamento do brasileiro, já se faz sentir.

Por outro lado, o número de casamentos, entre negros e brancos, com a cessação da escravidão se evidencia e, nos primeiros tempos, até como reação a uma situação que desagradava ao brasileiro, em geral. Há uma real mudança de "mores" sociais.

Posteriormente, como reflexo da campanha abolicionista, parou-se de fazer recenseamento por cor restando estudos parciais sobre o assunto.

Em 1940 voltamos ao recenseamento por cor, estabelecendo-se a diferença por áreas:

Máximo de 86,90% de brancos, no Sul e

Mínimo 40,97%, no Norte - Total 26.179,873.

Pretos, localizados principalmente nas velhas zonas de colonização agrícola do nordeste e leste (19,40% e 18,72% respectivamente), Total 6.037.384.

Pardos - 49,58% no Norte para apenas 4,54% no Sul. Total 8.750,721.

Amarelos - Já aparecem nesta estatística, com 242.923 indivíduos, (máximo 1,78 no Sul). Mais de 42.000 não declarados.

Nota-se aqui um pouco de resistência ao recenseamento de cor, ainda sinal psicológico do período escravocrata.

Que houve mudança na terminologia: de negro para preto e de mestiço para pardo, o que continua a não explicar as origens indígenas ou negras dos recenseados.

A última estatística de cor que se fez no Brasil foi a de 1950, dando-nos:

61,66% de brancos (46,32% no Sul, seguindo-se leste e nordeste).

26,64 por cento de pardos (com maioria 43,57, no leste, seguindo-se o nordeste).

Pretos - 10,96% (com maiorias no Leste - 51,99%, seguindo-se o nordeste).

Amarelos - 0,63% (32% no Sul, onde há maiorias absolutas).

0,21% - não declarados.

Se compararmos com as estatísticas anteriores, sentiremos o aumento dos brancos, nas estatísticas de 1940 e 1950, pela continuidade da imigração e a miscigenação que vai clareando, descendo o grupo de negros, num "passing" natural a 10,96%, na última estatística.

Se verificarmos por grupos de idade, em 1950, veremos que:

0 /14 anos	60,66	de brancos
	28,10	de pardos
	10,37	de pretos
	0,68	de amarelos
15/ 59 anos	62,34	brancos
	25,57	pardos
	11,29	pretos
	0,56	amarelos

O aumento de pardos e brancos, no grupo mais jovem, revela o processo de mestiçagem que atinge aos jovens, embora nos brancos, além dos efeitos do "passing" haja, como nos amarelos, influência das imigrações.

Quanto à separação que fizemos, por área, demonstra as bases para maior ou menor assimilação das populações locais, aos grupos físicos, diferentes.

Onde há mais negros, a receptividade é maior, pelo hábito aos padrões estéticos e pela ascensão de vários elementos do grupo, proporcionalmente maior. O mesmo acontece com as populações amarelas. Se não há outras estatísticas oficiais existe uma estimativa de 1970 que dá 58% de brancos, 34% de mestiços e

8% de negros, revelando maior miscigenação. Os índios não constam.

Quanto ao chamado pardo, é confundido nos questionários e censos com o moreno, só sendo mantida a denominação pardo, quando a cor é muito evidente.

Há grande arbitrariedade nas classificações populares e até oficiais.

Os critérios usados no Serviço de Identificação do Exército, em 1945, eram os seguintes:

- 1) Branco - indivíduo de pele de cor branca;
- 2) Moreno - indivíduo de pele morena e origem branca;
- 3) Pardo escuro - mestiço com predomínio negro;
- 4) Pardo claro - quando descendente de raça negra ou mestiça;
- 5) Preta - quando a cutis for negra.

Estas denominações, como já vimos, até aqui, são variadas e arbitrarias, mas se considerarmos as origens históricas de cada denominação, podemos compreender o seu real sentido.

Os índios, sem separarem os diferentes "stocks" brancos, classificavam-nos de "mair" (o solitário). Na época das bandeiras eram denominados mondrongos, emboabas, etc, com sentido pejorativo. Os estrangeiros, entrados posteriormente, eram denominados gringos, fosse qual fosse a origem.

Os escravos só tinham classificação diferente, baseada nas diferenças étnicas, quando se tratava de venda e compra, pois os valores variavam. Na realidade, ninguém pensava que havia di

ferentes origens étnicas.

Os índios, qualquer que fosse o grupo, eram denominados bugres, carijós, etc.

Todas estas denominações são naturais, em povos que se confrontam e passam pelos processos de conflito e acomodação, mas não antropológicas.

O fato científico, de que existem três stocks e tipos de miscigenação variada, exige que seja firmada uma terminologia precisa.

A única das denominações populares que se aproxima do sentido étnico real é a do negro, no entanto, se deixamos de lado as denominações dadas aos índios e aos brancos, nos primeiros tempos; apesar do conceito de que negro, como branco e índio, representam "stocks", sem sentido de superioridade ou inferioridade; apesar da minha própria opinião sobre a palavra negro, já apontada neste trabalho, termino por concluir que, para a maioria de brasileiros, desperta recordações da escravidão, parecendo ter um sentido pejorativo; por isto podemos substituí-la por outra que não suscite tais sensibilidades, como preto. Preto não é termo científico mas parece menos carregado de estereótipos e pardo para o descendente de negro e mestiço para o de índio, revelam tipos básicos de nossa miscigenação, para a continuação dos estudos do processo, mas parecem mais suaves a um país anti-escravagista que já passou pela escravidão.

5 - CONCLUSÕES

Esta terminologia só interessa ao cientista para a verificação da miscigenação de um povo e da não existência de preconceitos.

Deste ângulo a miscigenação interessa tanto quanto o processo social, porque libera barreiras psíquicas, isolacionismo e evita antagonismos de grupos de cor e formação de castas sociais por etnia.

Quanto à raça, no sentido de características puras, já comprovamos que não existe.

Desde 1927 o Congresso de Amsterdã deliberou o abandono do termo "raça", carregado de estereótipos, substituindo-o por "etnia" e "stock".

Na maior parte do mundo o preconceito racial é uma realidade, em função da evolução dos diversos países.

Se é grave o problema nos E.E.UU., onde o "passing" é bem difícil e os negros, crescendo cultural, econômica e numericamente, assumiram posição antagônica; mais triste é o problema do "apartheid" na África do Sul, onde os donos da terra nada são diante do branco. É preciso não esquecermos que, dentro da própria África, negros mataram negros, por diferenças étnicas e "raciais", no terrificante episódio de Biafra, a parte mais culta da Nigéria.

Na Europa e na Ásia, ainda não há total desligamento dos problemas "raciais" e deixando, como caso à parte, o triste-

mente célebre episódio nazista, diversas nações atribuem muitas de suas características culturais a origem racial, como é o caso da França.

Como sentimos em nossas pesquisas, os europeus e asiáticos são miscigenados antes das imigrações. Chegando ao Brasil, graças às características da cultura e da tolerância que nos plas-
maram historicamente, passam a miscigenar-se, alguns na próprio geração de imigrantes, outros na segunda geração (esta variante de combinações étnicas ficou muito evidenciada em nossas pesquisas, acentuando-se a última, cujos resultados acômpanham o texto).

Em nosso país, até meados deste século, os cientistas procuravam, ainda, dar conceitos de superioridade ou inferiorida-
de ao híbrido. Alfredo Ellis Junior acentuava a superioridade do mameluco e inferioridade do negro.

Tornou-se moda os cientistas classificarem o índio co-
mo esquizotímico e o negro como ciclotímico, quando não há tipo-
logia das "raças" ou melhor dos tipos étnicos. O temperamento é
fruto de fatores hereditários, somados a aspectos psicossociais.

Como o índio não se acostumava à escravidão, sua rea-
ção era de tristeza, quando escravizado. Na mata é alegre, comu-
nicativo e dono de rico e belo folclore.

O negro quando não se aculturava bem, tinha a conheci-
da reação do banzo, que não é de um temperamento ciclotímico.

Bem perigoso é falar em psicologia das raças.

Couto de Magalhães diz, com muita propriedade que, "o
homem precisa ser educado e não substituído". Demonstra, desta
forma, que o que há de mais importante, para o homem e para a na

ção, é o fator psicossocial.

Mas o próprio Couto Magalhães ainda estava preso aos aspectos de superioridades e inferioridades, quando à pag. 138 afirma que, no Brasil "as raças mestiças não apresentam inferioridade cultural; talvez a proposição seja contrária".

Os autores preocupavam-se muito com índices de fecundidade por grupo étnico, julgando-o mais alto nos grupos negros e mestiços.

Como podemos deduzir, esta diferença não existe por motivos étnicos, mas por motivos socioeconômicos e culturais. A falta de esclarecimento da classe C, da qual fazem parte, em maioria, negros e mestiços, por questões que já analisamos, não conduz ao planejamento familiar. Por outro lado, uma parte da classe C, vive em ambientes promíscuos, onde as meninas já são mães e, pela sua vida toda, continuam a aumentar a prole.

Na classe A e na B, há planejamento familiar, sendo que nas famílias cristãs é comum grande número de filhos, especialmente na classe A, que tem maiores possibilidades econômicas de educá-los.

Relativamente ao vigor físico, o Coronel Arthur Lobo, no trabalho "A Antropologia no Exército Brasileiro", realiza estudos sobre a higidez dos diferentes stocks e sub stocks brasileiros, concluindo que o negro e o mulato são mais fortes que os demais e atribue o fato a questões raciais. Ainda aqui, achamos que o maior exercício dos negros, provenientes de profissões mais humildes, que utilizam mais a força física, bem como a resistência que se forma para sobreviver, em ambiente adverso, os fortalece.

ce, mas este é fator de caráter biológico individual, com raízes sociais, mas não um fato biológico transmissível, portanto não étnico.

O próprio professor Nina Rodrigues, verdadeiro iniciador dos estudos antropológicos sistemáticos e científicos, passou grande parte de seu tempo estudando anomalias e inferioridades dos mestiços.

Após vastas pesquisas concluiu o cientista baiano que deixara de encontrar qualidades negativas em muitos mestiços e achava as conclusões prematuras.

O que acabamos de sentir é que os fatores psicossociais não eram analisados, como base do comportamento humano. Não se pensava nos aspectos biológicos sob o ângulo de patologia e de sub-alimentação.

Hoje sabemos que uma parte da população brasileira é subnutrida, não se alimentando suficiente, nem adequadamente. Que se não se der uma dose mínima de proteínas às crianças, até os 5 anos, jamais atingirão o nível mental normal. Que as populações do interior do Brasil são lerdas, por diversas causas de saúde e, principalmente, pela falta de iodo no organismo. Achamos impressionante a lentidão da população masculina, da classe C de Goiás, o que é menos acentuado na mulher, por compensações orgânicas.

Devemos acentuar que diversas doenças modificam a cor do cabelo, contextura, cor de pele e funcionamento de glândulas, que se refletem sobre o comportamento humano, sem nenhuma liga-

ção com fatores étnicos. Estes são alguns dos problemas de saúde, área prioritária dos problemas brasileiros, mas não do âmbito da antropologia.

O professor Arthur Ramos, continuando a obra de Nina Rodrigues, deixou-nos vasto material de pesquisa científica que destroe os sentidos valorativos de raça e etnia. Seus estudos cessaram em meados década de 40.

O acadêmico Silva Mello, com expressões realistas, exprime a convicção da superioridade do homem tropical, baseado em dados científicos: nos aspectos ecológicos e na adaptação à região tropical.

Não gostamos do termo superioridade, mas no contexto em que está apresentado, não nos parece conter um conceito de "raça" superior, mas de seleção natural, pelo desenvolvimento de mecanismos de defesa.

Em nossas pesquisas temos percebido que o homem brasileiro está atingindo, paulatinamente, o tipo eugênico.

Não podemos esquecer que temos os tipos regionais brasileiros, produto de diferentes mestiçagens e de condições de evolução economicossocial e cultural diversas.

Graças à grande mobilidade horizontal e vertical do Brasil, nada impede a miscigenação que é uma realidade e o sincretismo que é pleno, em busca da formação do fenótipo nacional.

Sempre haverá tipos regionais, como os tipos extremos, diferentes (louros e negros).

Pela pesquisa de amostragem, que somamos a larga observação, devemos chegar ao tipo previsto pelo professor Gilberto Freyre. O processo está em plena ebulição, apenas no momento não teremos moreno-escuro e sim moreno claro, em função das diferentes contribuições étnicas que recebemos.

Nossa pesquisa de amostragem deu, realmente, a proporção de claros, equivalente a de morenos, o que dará o moreno-claro. No entanto o escurecimento já pode ser sentido pelas últimas estatísticas e a estimativa de 1970.

Como professora trago o hábito de observar, nas turmas, a porcentagem de claros, morenos-claros e morenos-escuros e predomina o moreno claro e o claro. (Creio que mesmo sendo simples amostragem, sendo no Rio que reflete as miscigenações do norte e nordeste, mais escuras e do sul mais claras, podemos encontrar a média).

Também nossas pesquisas estão de acordo com as previsões do grande sociólogo, quanto a cor de cabelos e olhos castanhos, na maioria.

Este tipo deverá ser mais alto (o que também obtivemos na pesquisa, mais belo, de traços mais finos).

Quanto às medições antropológicas, das quais o professor Gilberto Freyre não fala, sentimos, mesmo fora do laboratório antropológico, que o brasileiro mistura braquicefalia e dolicocefalia, provenientes de seus diversos componentes étnicos.

Os olhos mongólicos, em minoria, como a larga abertura

zigomática, não desaparecerão e talvez tendam a crescer, com a nova corrente imigratória de japoneses, coreanos e chineses e a miscigenação que não cessou, dos índios e seus subgrupos.

No setor psicossocial o Brasil apresenta unidade, na diversidade dos regionalismos, que deviam ser preservados, paralelamente ao sincretismo geral que é a base de nossa integração.

Diante de todas estas análises é preciso que o Brasil preserve suas tradições culturais, seus estudos científicos de etnias, não importando preconceitos do exterior.

Na década de 50, formou-se no Brasil, uma escola sociológica que fez grande divulgação de suas idéias, sobre a superioridade do negro, veiculando a existência de preconceitos "raciais" no Brasil. Fala, ainda, da superioridade do negro e da psicologia da negritude.

Esta idéia, partindo de pressuposto contrário ao de Ellis Junior, não encontra bases antropológicas e pode levar à criação do preconceito do negro, em relação ao branco e provocar até antagonismos étnicos e choques incompatíveis com o pensamento e tradição nacionais.

Como esta escola sociológica divulgou-se muito no Brasil, até 1964, cremos que a maioria de respostas, ao questionário que aplicamos, no item que perguntamos se há preconceito de cor no Brasil, afirmando que sim, pode ter suas origens nesta divulgação, em alguns casos, enquanto em outros confunde-se o sentido estético e socioeconômico com o preconceito de cor.

A prova é de que na classe C, em que os clubes são

frequentados por pessoas de todas as cores, dado o status econômico mais baixo, há muitos casamentos mistos.

Nas classes A e B, pelo maior preço das distrações há uma seleção de caráter socioeconômico e também cultural, pelo nível de programações, diminuindo a oportunidade de contatos de cores diferentes e sendo mais baixo o índice de casamentos, mas à medida que o negro sobe de status economicossocial e cultural frequenta os mesmos lugares.

Achamos que à medida que o negro está atingindo escolas, universidades e colocações nas classes A e B, é tratado com igualdade e tende a aumentar o número de casamentos entre os diferentes "stocks", graças ao hábito de seu padrão estético.

A rigor, podemos dizer que o brasileiro de grande cidade, não tem nem preconceito socioeconômico, o que ainda estratifica a sociedade nas cidades menores, onde não se quebrou o poder das famílias mais antigas.

Somos inteiramente a favor da ascensão do negro que se está realizando, atingindo cargos públicos de mais alta relevância. Não há nenhuma inferioridade ou superioridade étnica.

Achamos fundamental que se divulgue os padrões de beleza negros ou mestiços (o que já se faz em televisão e desfiles de moda) mas nos manifestamos contra demonstrações separatistas, como exposição de arte negra, poesia negra, etc. que proporcionam critérios separatistas, uma vez que, há muitos artistas negros expondo, em individuais ou coletivas e fazendo parte das mais importantes associações literárias.

A poesia é brasileira, como brasileiros são seus autores, a arte é brasileira, como brasileiros são seus artistas.

Esta é uma das fases da cultura brasileira, uma das fases da evolução de nossa nacionalidade. A evolução cultural de um dos nossos grandes stocks formadores. E disto todos os brasileiros se orgulham.

No século vinte, podemos afirmar que, mesmo as manifestações mais caracteristicamente africanas: seus cultos religiosos, já são sincréticos e fazem parte das manifestações da cultura não material brasileira.

Finalmente reafirmaremos, como Ralph Linton que não há raça pura; mas se existisse não poderíamos classificar as raças como não podemos, cientificamente determinar os stocks com o simples censo. Seriam necessárias medidas antropológicas, impossíveis de aplicar pelo censo.

As avaliações são pela cor da pele o que não corresponde a nenhuma realidade científica.

Esta própria antropologia já determinou que nenhuma das medições corresponde a superioridades étnicas.

Este é o know how que o Brasil pode oferecer ao mundo, com sua experiência prática de antropologia, como o maior laboratório genético e cultural do mundo...

Estamos "em desenvolvimento", mas temos relações harmônicas de etnia e de cultura que transformam o Brasil num padrão internacional de caldeamento, de compreensão e de paz a ser

seguido pelos desenvolvidos de todos os quadrantes.

III - CONCLUSÃO GERAL

- 1) O brasileiro é profundamente miscigenado.
- 2) Graças às características da nossa formação histórica, todos os povos têm-se amalgamado no Brasil.
- 3) A diferença de cultura, especialmente de religião, dificulta a miscigenação de alguns imigrantes.
- 4) O tipo brasileiro está em processo de formação, sendo já apreciável seu fenótipo.
- 5) Algumas minorias, no Brasil, têm preconceitos socioeconômicos, o que é confundido, por outros, com preconceito de raça.
- 6) A tradição brasileira condiciona a tolerância e o sentido de iguais oportunidades.
- 7) A miscigenação é processo solidificador e propulsor da assimilação.
- 8) Evita antagonismos que existem em países onde há a "color line".
- 9) Devemos em grande parte a integração nacional a inexistência de separações étnicas.
- 10) Onde restam preconceitos significa que a educação integral falhou (comprovantes na pesquisa entre estudantes - 1973).

11) A educação é a arma que completará os processos de aculturação, assimilação e miscigenação.

12) Os jesuítas foram os principais responsáveis pelas características liberais e nacionalistas brasileiras que plasma-ram definitivamente o país.

III - 2) PROPOSTAS E SUGESTÕES:

Propomos:

a) Que se firma uma terminologia étnica, para que se possa acompanhar a evolução física do brasileiro, continuando e provar a falta de preconceito em nossa terra.

b) Que se volte a fazer o censo de cor, para podermos verificar o processo de miscigenação brasileira.

c) Que se divulgue mais a questão "racial" no Brasil: a igualdade e suas comprovantes.

d) Que se acentue as raízes históricas do fato.

e) Que se mostre a vantagem para a unidade nacional.

f) Que se compare a escravidão nacional com a da História Internacional.

g) Que se mostre a ascendência dos grupos negros e mestiços no Brasil.

h) Que se divulgue melhor os conceitos de etnia.

i) Que se divulgue no estrangeiro as conclusões sobre

nossas características de igualdade étnica, como know-how brasileiro.

j) Que se combata o estereótipo do racismo, cientificamente.

l) Que todos os brasileiros, de Norte a Sul, recebam a mensagem de que, o maior apanágio de um país é poder proclamar que seus filhos, provenientes de velhos troncos, misturam-se espontaneamente, nos setores político-militar, econômico e psicossocial, como no biológico, em busca de ideais comuns de integração nacional, nascidos da tradição, caracteristicamente brasileira e cristã.

B I B L I O G R A F I A

- 1) Azevedo, Thales
"Cultura e situação racial no Brasil"
Civilização Brasileira
Rio de Janeiro - 1966
- 2) Baldus, Herbert
"Bibliografia crítica da etnologia brasileira"
São Paulo - 1954
- 3) Calmon, Pedro
"História social do Brasil" 3 vol.
Companhia Editora Nacional
São Paulo - s/d.
- 4) Castro, Eugenio
"Geografia Linguística e cultura brasileira"
Rio de Janeiro - 1937
- 5) Cunha, Euclides da
"Os Sertões"
Livraria Francisco Alves - 1946.
- 6) Freyre, Gilberto
"Interpretação do Brasil"
José Olympio - 1947
- 7) Do mesmo
"Nordeste"
José Olympio - 1937

8) Do mesmo

"Casa Grande e Senzala - 2 vol.

José Olympio - 1946

9) Freyre, Gilberto

"Sugestões em torno do homem brasileiro como tipo nacional"

Cadernos de Estudos Brasileiros nº 7 - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Forum de Ciência e Cultura - Rio de Janeiro - 1973

10) Leme Lopes, P^e

"Estudos de Problemas Brasileiros"

Renes - Rio de Janeiro - 1970

11) Linton, Ralph

"O homem"

Martins Editora - São Paulo - s/d.

12) Lindberg, G.

"Técnica de la Investigación Social"

Fondo de Cultura Econômica

México - 1949 -

13) Mombeig, Pierre

"O Brasil"

Difusão Européia do Livro

São Paulo - 1954

14) Pandiá Calógeras, J.

"Formação Histórica do Brasil"

Brasiliana - São Paulo - 1967

- 15) Pericot, L.
"História de América" vol. I
Salvat Editores - Barcelona - 1936
- 16) Prado Junior, Caio
"História Econômica do Brasil" - vol. I e II
Editora Brasileira
São Paulo - 1953
- 17) Pierson, Donald
"Teoria e Pesquisa em Sociologia"
Melhoramentos
São Paulo - 1953
- 18) Ramos, Arthur
"O negro brasileiro"
Brasiliana - 1940
- 19) Do mesmo
"Introdução à Antropologia Brasileira"
2 volumes-
Coleção Estudos Brasileiros -
Rio de Janeiro - 1947
- 20) Roquette Pinto, E.
"Ensaio de Antropologia Brasileira"
Brasiliana - São Paulo - 1933
- 21) Rondon, General Frederico
"Pelos sertões e fronteiras do Brasil"
Reper Editora - Guanabara - 1969

- 22) Rodrigues, José Honório
"Aspirações nacionais"
Civilização Brasileira - 1970
- 23) Sinopse Estatística do Brasil
Ministério do Planejamento - Instituto Brasileiro
de Estatística.
- 24) Silva Mello, A. da
"A superioridade do homem tropical"
Civilização Brasileira - Rio de Janeiro - 1965
- 25) Winick, Charles
"Diccionary of Antropology"
Peter Owen - London - 1967
- 26) Pesquisas da autora
 - a) Com grupos árabes (1955 repetida, com as mes-
mas famílias, em 1970)
 - b) Pesquisa com famílias japonesas e "nisei"
(1961 e 1969 e menores amostragens)
 - c) Pesquisa com descendentes de suíços e alemães
(amostragem), diversas épocas - 1970/73.
 - d) Pesquisa de amostragem com judeus (em varia-
das épocas e grupos - 1955/73)
 - e) Pesquisa sobre miscigenação e preconceito en-
tre estudantes (amostragem, 1973).
 - f) Pesquisa de rituais africanos no Brasil (1965
/1973).

g) Análise e interpretação de estatísticas oficiais e estimativas.

Após o texto estão anexos:

Anexo 1) Poema: "A sombra do madeiro

Anexo 2) Poema: "Ritual Tupi"

Anexo 3) Poema: "Luanda"

Anexo 4) Questionário da pesquisa sobre miscigenação

Anexo 5) " e Resultados de pesquisa.

6)

Anexo 7) Estatística de imigração europeia e asiática.

4.1
NOTAS: Este questionário não usa termos científicos, para a tingir diversos níveis culturais.

É absolutamente científico e confidencial (os nomes dos entrevistados serão mantidos em sigilo).

= = = = =

- 1) - Idade:
- 2) - Naturalidade:
- 3) - Filiação:
- 4) - Profissão:
- 5) - Firma, escola ou fábrica em que trabalha.
- 6) - Função que ocupa.
- 7) - Grau de educação que possui:
 - a) Primário
 - b) Secundário
 - c) Superior
- 8) - Bairro em que mora.
- 9) - Estudante:
 - a) Nível
 - b) Série
 - c) Escola
 - d) Faculdade
- 10) - Qual seu tipo físico?
 - a) Claro
 - b) Moreno
 - c) Mulato
 - d) Negro
 - e) Indígena
 - j) Mestiço de indígena
- 11) - Cabelos e olhos:
 - a) Cor dos cabelos e olhos
 - b) Crespos lisos ou ondulados
- 12) - Altura:

- 4-2
- 13) - Proveniência dos pais.
 - a) País
 - b) Estado
 - 14) - Tipo físico dos pais.
 - 15) - Tipo físico dos irmãos.
 - 16) - Tipo físico dos avós.
 - 17) - Acha que o Brasil tem maiorias:
 - a) Negras
 - b) Mulatas
 - c) Indígenas
 - d) Brancas
 - e) Mestiças em geral.
 - 18) - Qual destes grupos acha superior em físico ou em inteligência e honestidade:
 - a) Branco
 - b) Negro
 - c) Indígena
 - d) Mestiço
 - 19) - Qual acha inferior:
 - a) Branco
 - b) Negro
 - c) Indígena
 - d) Mestiço
 - 20) - Por que escolheu a resposta dada nos números 18 e 19?
 - 21) - Acha que há preconceitos raciais no Brasil?
 - 22) - Por que? Exemplifique.
 - 23) - Conhece o artigo da Constituição brasileira que regula a igualdade de raças?
 - 24) - Sabe qual o objetivo da lei Affonso Arinos de Mello Franco?
 - 25) - Acha que "raça" se determina pela cor da pele?
 - 26) - Tem algum preconceito contra qualquer grupo de estrangeiro? Qual?

PESQUISA SOBRE MISCIGENAÇÃO:(1973)

ANEXO - 5
1

	+ 40 anos	40/30	30/20	- 20	TOTAIS	
Idade	3	7	37	8 =	55	
Naturalidade	Brasileira 3	Brasileira 7	Brasileira 37	Brasileira 8 =	55	
	Cursando	Cursando	Cursando	Cursando		
Grau de ins- trução	Secundário 2 Superior 1	Superior 7 (Todos)	Superior 34 Secundário 3	Superior 4 Secundário 4	Superior 46 (Sendo cursado) Secund. 9	
Tipo Físico	Moreno 3	Moreno 2 Claro 5	Moreno 14 Claro 21 Mulato 2	Moreno 6 Claro 2	25 28	Nas estatísticas encontramos 2 mu- latos e nenhum negro. No grupo mo- reno está clara, em muitos a amol- gamação com o elemento negro.
Cabelo	<u>C o r</u>					
	Castanho 3	6	28	7	44	O tipo brasileiro na amostragem
	Louro -	1	3	-	4	deixou notar acentuada predominân- cia de cabelos castanhos e olhos
	Preto -	-	6	1	7	castanhos.
	<u>Ondulação</u>					
	Ondulados 2	3	16	2	23	Altura entre 1,70 e 1,50, com pre- domínio de faixa de 1,60 e 1,70.
	Lisos 1	4	16	4	25	Cabelos lisos ou ondulados.
	Crespos -	-	2	1	3	
	N.Definidos	-	3	1	4	
OLHOS	Castanho 3	6	30	7	46	Olhos azuis e pretos quase desapa- recem. Os verdes, resultado de dois fenótipos, aparecem mais que os azuis.
	Azuis -	-	1	1	2	
	Pretos -	-	1	-	1	
	Verdes -	1	5	-	6	

Continuação

		Idades + 40				TOTAIS
Altura	+ 1,80	-	-	2	-	2
	+ 1,70	1	3	10	1	15
	+ 1,60	-	3	14	5	22
	+ 1,50	1	1	11	2	15
	+ 1,50	1	-	-	-	1
Opinião sobre maiorias	Mestiços	1	4	28	5	38
	Mulatos	1	-	1	-	2
	Branços	1	3	8	3	15
Conceito de Superioridade	Branca	3	1	3	2	9
	Negro	-	-	2	1	3
	Mestiço	-	-	2	-	2
	Nenhuma	-	5	22	4	31
	N. Respondeu	-	1	7	1	9
	Indio	-	-	1	-	1
	Mulato	-	-	-	-	-
Conceito de Inferioridade	Branco	-	-	-	-	-
	Negro	1	2	-	1	4
	Mestiço	-	-	1	-	1
	Nenhum	-	5	22	6	33
	Não Resp.	1	-	8	1	9
	Indio	1	1	6	-	8
	Mulato	-	-	-	-	-
Constituição	Sim	2	2	Sim 19	3	26
	Não	1	5	Não 18	5	29

Deram o sentido de mestiço em geral em suas respostas.

As maiorias de todos os grupos de idade mostraram não ver nem superioridades raciais, nem inferioridades.

Continuação

Lei Affonso Arinos	Sim	2	3	20	1	26
	Não	1	4	17	7	29
A Cor da Pele é que determina a raça?	Sim	-	1	6	2	9
	Não	2	6	28	6	42
	Não Respondeu	1	-	3	-	4
Preconceito Contra Estrangeiro.	Não	3	7	33	7	50
	Sim	-	-	3	1	4
Acha que há preconceitos no Brasil	Não	1	Não 2	7	0	10
	Sim	1	Sim 5	28	8	42
	Não Resp.	1	-	2	-	3

Já há bases antropológicas na resta. Nota-se que no grupo três há muitos alunos de Estudo de Problemas Brasileiros.

O brasileiro, mais uma vez, con- firmou o seu espírito aberto, com quase ausência de preconceito em relação ao estrangeiro - 50 em 55...

Nas últimas perguntas (Nº 21) de clararam acentuadamente que o preconceito existe no Brasil, apon- tando alguns fatos na pergunta 22. Estes aspectos debatemos no decorrer do estudo.

QUADRO DE BAIROS E TRABALHOS

Anexo 6
1

B A I R R O S

1) <u>Zona Sul</u>	2) <u>Zona Norte</u>	3) <u>Subúrbio</u>	4) <u>Centro</u>	5) <u>Estado do Rio</u>
- Glória 2	- Tijuca 7	Santa Cruz 2	Stª Tereza <u>2</u>	Nova Iguaçu 1
Flamengo 5	Rio Comprido <u>1</u>	Madureira 1		Itaguaí 1
Copacabana 3	8	Realengo 5		Niterói 1
Laranjeiras 1		Bangu 5		<u>3</u>
Botafogo 1		Campo Grande 11		
Leblon <u>1</u>		Guadalupe 1		
13		Padre Miguel 1		
		Ilha do Governador 1		
		Rochá Miranda 1		
		<u>28</u>		

T O T A L : 55

Relativamente aos bairros não houve diferença; mas quanto à idade e nível de ensino. Os alunos da turma de quarto ano de História, que já estão estudando Estudo de Problemas Brasileiros, constando em maioria do grupo entre 20 e 30 anos, modificaram bastante o quadro das respostas de 17 em diante, mostrando a importância dos aspectos educacionais, na formação de conceitos positivos e afastamento de preconceitos (propositalmente misturamos uma parte, apenas, destes alunos à amostragem geral, mas marcando as fichas)

Fizeram parte da enquete profissões variadas: (todos estudantes - sendo que nos de menos de 20 anos só um trabalha e de 20 a 30, 11 não trabalham e 1 de mais de).

Profissões:

Professor	13
Inspetor de alunos.....	2
Secretário	6
Funcionários públicos	5
Escritório	2
Contadora	1
Militar	1
Estaleiro	1
Departamento de Estradas de Rodagem...	1
Cartório	1
Técnico	1
Industrial	1
Gerente	1

Pelas profissões não houve diferenças de opiniões básicas também.

IMIGRAÇÃO

IMIGRANTES ENTRADOS NO PAÍS, SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES - 1884-1963

IMIGRANTES								
TOTAL	SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES							
	Alemães	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portuguêses	Russos	Outras	
* 1884	23 574	* 1 719	710	* 10 502	--	* 8 683	457	1 503
1885	34 724	2 848	952	* 21 765	--	7 611	275	1 273
1886	32 650	2 114	1 617	20 430	--	6 287	146	2 056
1887	54 932	1 147	1 766	40 157	--	10 205	197	1 460
1888	* 132 070	782	4 736	104 353	--	18 289	259	3 651
1889	65 165	1 903	9 712	36 124	--	15 240	--	2 186
1890	* 106 819	4 812	12 008	31 275	--	25 174	27 125	6 425
1891	* 215 239	5 285	22 146	132 326	--	32 349	11 817	11 316
1892	85 906	800	10 471	55 049	--	17 797	158	1 631
1893	* 112 529	1 368	38 998	58 552	--	28 986	155	4 530
1894	60 182	790	5 986	34 872	--	17 041	57	1 436
1895	* 164 831	973	17 641	97 344	--	36 055	275	12 543
1896	* 157 423	1 070	24 154	96 505	--	22 299	592	12 803
1897	* 144 866	930	19 466	104 510	--	13 558	567	5 835
1898	76 862	535	8 024	49 086	--	15 105	258	3 854
1899	53 610	521	5 399	30 846	--	10 989	412	5 443
1900	37 807	217	4 834	19 671	--	8 250	147	4 688
1901	83 116	166	212	59 869	--	11 261	99	11 509
1902	50 472	265	3 533	32 111	--	11 606	108	2 794
1903	32 941	1 231	4 436	12 970	--	11 378	371	2 525
1904	44 706	797	10 016	12 857	--	17 318	287	3 401
1905	62 488	650	25 349	17 360	--	20 131	996	3 972
1906	72 332	1 333	24 411	20 777	--	21 706	751	3 324
1907	57 219	845	9 215	18 238	--	25 631	703	3 217
1908	90 516	2 931	14 802	13 873	830	37 628	5 781	14 631

IMIGRAÇÃO

IMIGRANTES ENTRADOS NO PAÍS, SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES - 1884-1963

		IMIGRANTES						
TOTAL		SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES						
		Alemães	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portuguêses	Russos	Outras
1909	84 090	5 413	16 219	13 668				
1910	86 751	3 902	20 843	14 163	31	30 577	5 203	12 519
1911	x 133 575	4 251	27 141	22 914	948	30 857	2 402	13 576
1912	x 177 887	5 733	35 192	31 785	28	47 493	14 703	17 735
1913	x 190 333	8 004	41 064	30 886	2 909	76 530	9 206	16 245
1914	79 232	2 811	18 945	15 542	7 122	76 701	8 701	18 305
1915	30 333	169	5 895	5 779	3 675	27 935	2 803	7 365
1916	31 245	364	10 306	5 340	65	15 118	3 10	2 687
1917	30 277	201	11 113	5 478	165	11 981	2 25	2 473
1918	19 793	1	4 225	1 050	3 899	6 817	644	2 125
1919	36 027	466	6 327	5 231	5 599	7 981	101	756
1920	+ 69 042	4 120	9 136	10 005	3 022	17 068	10	3 293
1921	58 476	7 915	9 523	10 779	1 013	33 883	105	10 640
1922	65 007	5 038	8 369	11 277	840	19 981	1 205	7 912
1923	84 549	8 254	10 140	15 839	1 225	28 622	207	9 697
1924	96 032	22 168	7 238	13 844	895	31 866	107	16 778
1925	82 547	7 175	10 362	9 846	2 673	23 267	200	26 303
1926	x 113 806	7 674	8 392	11 977	6 380	21 508	206	26 870
1927	97 974	4 878	9 070	11 977	8 407	38 791	201	42 194
1928	78 128	4 228	4 136	12 437	9 084	31 236	203	30 403
1929	96 186	4 351	4 565	5 493	11 169	33 882	203	18 097
1930	62 610	4 180	3 218	5 288	16 648	38 879	202	25 616
1931	27 453	2 621	1 784	4 253	14 076	18 740	200	15 444
1932	31 494	2 273	1 447	2 914	5 632	8 152	200	5 922
1933	46 081	2 180	1 693	2 155	11 678	8 499	200	4 981
1934	46 027	3 629	1 429	1 920	24 484	10 695	200	5 020
1935	29 585	2 423	1 206	2 507	21 930	8 732	204	7 686
1936	12 773	1 226	355	2 127	9 611	9 327	20	4 862
1937	34 677	4 642	1 150	2 946	3 306	4 626	20	2 779
					4 557	11 417	52	9 913

I M I G R A Ç Ã O

IMIGRANTES ENTRADOS NO PAÍS, SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES - 1884-1963

A N O S	I M I G R A N T E S							
	TOTAL	SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES						
		Alemães	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portuguêses	Russos	Outras
1938	19 388	2 348	290	1 882	2 524	7 435	19	4 890
1939	22 668	1 975	174	1 004	1 414	15 120	2	2 979
1940	18 449	1 155	409	411	1 268	11 737	17	3 452
1941	9 938	453	125	89	1 548	5 777	23	1 923
1942	2 425	9	37	3	-	1 317	-	1 059
1943	1 308	2	9	1	-	146	-	1 150
1944	1 593	-	30	3	-	419	20	1 121
1945	3 168	22	74	180	-	1 414	2	1 476
1946	13 039	174	203	1 059	6	6 342	23	5 227
1947	18 753	561	653	3 284	1	8 921	18	5 315
1948	21 568	2 308	965	4 437	1	2 751	1 342	9 764
1949	23 844	2 123	2 197	6 352	4	6 780	35	6 352
1950	35 492	2 725	3 808	7 342	33	14 739	(1)	6 845
1951	62 594	2 858	9 636	8 285	106	28 731	(1)	12 978
1952	88 150	2 364	14 898	15 207	261	42 815	(1)	12 605
1953	80 242	2 305	13 677	15 543	1 928	33 735	193	12 861
1954	72 248	1 952	11 338	13 408	3 119	30 062	20	12 349
1955	55 166	1 122	10 738	8 945	4 051	21 264	2	9 044
1956	44 806	844	7 921	6 069	4 912	16 803	(1)	8 257
1957	53 613	952	7 680	7 197	6 147	19 471	(1)	12 165
1958	49 839	825	5 768	4 819	6 586	21 928	-	9 911
1959	44 520	890	6 712	4 233	7 123	17 345	-	8 217
1960	40 507	842	7 662	3 431	7 746	13 105	(1)	7 721
1961	43 589	703	9 813	2 493	6 824	15 619	(1)	7 937
1962	31 138	651	4 968	1 900	3 257	13 713	(1)	6 649
1963	23 859	601	2 436	867	2 124	11 585	(1)	6 245

FONTES - Departamento Nacional de Imigração, Instituto Nacional de Imigração e Colonização e Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário.

(1) Incluído em "Outras".

